



ESPACIO, TIEMPO Y FORMA

AÑO 2020
ISSN 1130-1082
E-ISSN 2340-1370

33

SERIE II HISTORIA ANTIGUA
REVISTA DE LA FACULTAD DE GEOGRAFÍA E HISTORIA

UNED



ESPACIO, TIEMPO Y FORMA

AÑO 2020
ISSN 1130-1082
E-ISSN 2340-1370

33

SERIE II HISTORIA ANTIGUA
REVISTA DE LA FACULTAD DE GEOGRAFÍA E HISTORIA

<http://dx.doi.org/10.5944/etfi.33.2020>



UNIVERSIDAD NACIONAL DE EDUCACIÓN A DISTANCIA

La revista *Espacio, Tiempo y Forma* (siglas recomendadas: ETF), de la Facultad de Geografía e Historia de la UNED, que inició su publicación el año 1988, está organizada de la siguiente forma:

- SERIE I — Prehistoria y Arqueología
- SERIE II — Historia Antigua
- SERIE III — Historia Medieval
- SERIE IV — Historia Moderna
- SERIE V — Historia Contemporánea
- SERIE VI — Geografía
- SERIE VII — Historia del Arte

Excepcionalmente, algunos volúmenes del año 1988 atienden a la siguiente numeración:

- N.º 1 — Historia Contemporánea
- N.º 2 — Historia del Arte
- N.º 3 — Geografía
- N.º 4 — Historia Moderna

ETF no se solidariza necesariamente con las opiniones expresadas por los autores.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE EDUCACIÓN A DISTANCIA
Madrid, 2020

SERIE II · HISTORIA ANTIGUA N.º 33, 2020

ISSN 1130-1082 · E-ISSN 2340-1370

DEPÓSITO LEGAL
M-21.037-1988

URL
ETF II · HISTORIA ANTIGUA · <http://revistas.uned.es/index.php/ETFII>

DISEÑO Y COMPOSICIÓN
Carmen Chincoa · <http://www.laurisilva.net/cch>

Impreso en España · Printed in Spain



Esta obra está bajo una licencia Creative Commons
Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.

ARTÍCULOS · ARTICLES

A VIOLAÇÃO DE BRITÂNICO (TAC. ANN. 13.17)

BRITANNICUS' RAPE (TAC. ANN. 13.17)

Nuno Simões Rodrigues¹

Recibido: 31/05/2020 · Aceptado: 29/06/2020

DOI: <http://dx.doi.org/10.5944/etfi.33.2020.28472>

Resumo²

Este estudo foca-se na biografia de Britânico, filho de Cláudio e Valéria Messalina, analisando em particular as informações transmitidas por Tácito nos *Annales*. Esta obra é também a única fonte que dá conta de que Britânico teria sido sexualmente violado por Nero, seu irmão por *adoptio*, cunhado e concorrente ao poder. Pretendemos, assim, analisar também a referência ao *stuprum* do jovem príncipe e o seu significado na historiografia de Tácito.

Palavras-passe

Britânico; Nero; Tácito; Biografia; *Stuprum*; *Lex Scantinia*.

Abstract

This essay focuses on the biography of Britannicus, son of Claudius and Valeria Messalina, considering particularly the information transmitted by Tacitus in the *Annales*. Tacitus' work is also the only source that realizes that Britannicus would have been sexually assaulted by Nero, his brother by adoption, brother-in-law and rival as far as power was concerned. Thus, we also intend to analyse the reference to the *stuprum* of the young prince and its meaning within the historiography of Tacitus.

Keywords

Britannicus; Nero; Tacitus; Biography; *Stuprum*; *Lex Scantinia*.

1. Universidade de Lisboa. C. e.: nonnius@fl.ul.pt. ORCID: 0000-0001-6109-4096.

2. Estudo financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projectos *Rome our Home: (Auto)biographical Tradition and the Shaping of Identity(ies)* (PTDC/LLT-OUT/28431/2017) do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; CH-ULisboa: UIDB/04311/2020 y UIDP/04311/2020; CECULisboa: UIDB/00019/2020 e UIDP/00019/2020. [Orcid.org/0000-0001-6109-4096](https://orcid.org/0000-0001-6109-4096). Agradecemos a leitura atenta, os comentários e sugestões que a nossa colega e amiga Prof^a. Doutora Maria Cristina de Sousa Pimentel fez do manuscrito deste estudo.

1. A CONSTRUÇÃO DE BRITÂNICO NAS FONTES ANTIGAS

Não é muito o que sabemos sobre Tibério Cláudio César Britânico. De facto, não existe propriamente uma *Vita Britannici*, pelo que, o que conhecemos da vida deste membro da família imperial júlio-cláudia é recolhido de modo avulso em fontes historiográficas gerais (Tácito, Flávio Josefo ou Díon Cássio); biográficas, contudo dedicadas a outras personalidades (Suetónio); ou outros documentos, como inscrições ou alusões literárias várias (e.g. Séneca). É, pois, com base nessa informação que é possível uma tentativa de reconstituição da vida de Britânico.

Este filho do imperador Cláudio (10 a.C.-54 d.C.) e da sua terceira mulher, Valéria Messalina (17-48 d.C.), nasceu em 41 d.C., tendo-lhe sido então dado o nome de *Tiberius Claudius Caesar Germanicus*³. Em 43 d.C., todavia, depois da conquista da Britânia por Cláudio, o nome do filho do imperador foi alterado de *Germanicus* para *Britannicus* (D.C., 60.22)⁴. Britânico não era filho único. Antes dele, Messalina tivera Octávia, igualmente filha de Cláudio. Mas, do lado do pai, Britânico teve três outros irmãos: Cláudio Druso e Cláudia, filhos do primeiro casamento do imperador com Pláucia Urgulanila⁵; e Cláudia Antónia, filha de Cláudio e Élia Petina, a segunda mulher do príncipe. Por conseguinte, Britânico foi o benjamim de Cláudio (Suet., *Cl.*, 27.1)⁶.

Apesar da existência de outras referências, é em Tácito que recolhemos as principais informações acerca de Britânico. Com efeito, é este historiador quem, nos *Annales*, mais refere o jovem príncipe, sendo que, devido à perda dos livros VII a X, assim como do início do livro XI (dedicados aos principados de Gaio Calígula e Cláudio), a figura de Britânico aparece *in medias res* e quase sempre de modo circunstancial. Isto é, na maioria das vezes, Britânico não aparece pela sua própria importância, mas porque vem a propósito de qualquer referência a outra situação ou personalidade histórica. Desconhecemos, por exemplo, a eventual referência ao momento do seu nascimento, uma vez que esse acontecimento, como o do casamento dos seus pais, ocorreu no tempo de Gaio Calígula e a parte dos *Annales* dedicada a esse principado é-nos, até aos dias de hoje, desconhecida.

A propósito desta circunstância, referimos o momento em que, pela primeira vez, Britânico surge na obra conhecida de Tácito. Trata-se, como assinalámos, de uma referência meramente circunstancial, feita não relativamente a Britânico *per se*, mas para se dizer que Sosíbio, o preceptor do jovem príncipe, de provável origem grega, fora envolvido por Messalina na acusação contra Valério Asiático e Popeia Sabina (Tac., *Ann.*, II.1; cf. II.4; sobre Sosíbio, D.C., 60.32).

3. Vide e.g. CIL 6.922; VAGI, D.: *Coinage and History of the Roman Empire (c. 82 b.C.-A.D. 480)*, vol. I: *History*, London, Routledge, 1999, p. 159; BARRETT, A. A.; FANTHAM, E.; YARDLEY, J. C. (eds.), *The Emperor Nero. A Guide to the Ancient Sources*, Princeton/Oxford, Princeton University Press, 2016, pp. 20-21.

4. BRAUND, D.: «Apollo in Arms: Nero at the Frontier», in BUCKLEY, E. & DINTER, M. T. (eds.): *A Companion to the Neronian Age*, Oxford, Wiley-Blackwell, 2013, p. 83; GRIFFIN, M. T.: *Nero. The End of a Dynasty*, London, Routledge, 2000, p. 27.

5. Cláudio repudiou Cláudia como sua filha, Suet. *Cl.* 27; vide VAGI, D. L.: «Tiberius Claudius Drusus († AD 20). Son of Claudius and Urgulanilla», *American Numismatic Society*, 22 (2010), p. 82.

6. Sobre a descendência de Cláudio, vide ainda VAGI, D.: *Coinage and History of the Roman Empire (c. 82 b.C.-A.D. 480)*, vol. I-II: *History*, London, Routledge, 1999, pp. 156-161.

Já a primeira referência em que Tácito atribui algum protagonismo a Britânico vem a propósito de uma alusão a um *ludus Troiae*. Esta é a primeira de cinco cenas ou episódios com que, nos *Annales*, o historiador latino constrói a biografia do jovem filho de Cláudio. Neste passo, o historiador refere que, durante uma edição dos *Ludi Saeculares*, celebrados sob o principado de Cláudio, aquando da presença do imperador nos Jogos Circenses, jovens da aristocracia romana entraram no circo, dando início ao conhecido *ludus Troiae* (Tac., *Ann.*, II.II)⁷. Entre as crianças (*cum pueri nobiles*), estavam Nero (ali chamado Lúcio Domício), então com 9 anos, e Britânico, com 6, com uma diferença de idade, um do outro, de apenas três anos (Tac., *Ann.*, 12.25). O passo é uma oportunidade para o historiador introduzir dois protagonistas. Bem sabemos que nos faltam livros anteriores dos *Annales* que poderiam perfeitamente relativizar esta nossa afirmação. Ainda assim, parece-nos que esta «entrada em cena» de Britânico, associada a Nero, não deixa de resultar pelo impacte que tem sobre a audiência do livro tacitano. A forma como Tácito narra o episódio está carregada com a tensão dramática própria da apresentação a uma audiência de duas personagens, cujos destinos estarão para sempre interligados. Desde pelo menos este momento, Britânico aparece associado ao seu primo (efectivamente, Britânico e Nero eram primos em segundo grau). Outro factor que emerge das situações criadas por Tácito é a dualidade que desde logo também se percebe, relativamente a ambos os príncipes da casa imperial: Nero é o favorito da plebe romana, mas envolvido em elementos que contribuem para a construção de um retrato negativo; Britânico é o jovem deserdado, rejeitado pela população, mas conservador de uma dignidade que faz com que o primo e futuro «irmão por afinidade»⁸ e, apesar dos artifícios legais que levaram à adopção de Octávia por outra *gens*, cunhado se revele um usurpador.

As indicações que Tácito dá relativamente a Nero são aqui particularmente significativas: a adesão do público (a multidão como massa ingente sempre pronta a agir de modo irracional e a apoiar lados errados) e a associação que é feita a Hércules/Hércules, qual defensor e salvador do mundo. A relação com o herói mitológico é feita por via indirecta:

fauor plebis acrior in Domitium loco praesagii acceptus est. Vulgabaturque adfuisse infantiae eius dracones in modum custodum, fabulosa et externis miraculis adsimilata: nam ipse, haudquaquam sui detractor, unam omnino anguem in cubiculo uisam narrare solitus est (Tac., *Ann.*, 11.11)⁹.

7. O *ludus Troiae* era uma cerimónia celebrada em ocasiões especiais, como os *Ludi Saeculares*, no qual participavam jovens rapazes da aristocracia romana e que consistia sobretudo num conjunto de habilidades equestres e militares. Na *Eneida*, Vergílio descreve o que se sugere ser um *ludus Troiae*, para assinalar a morte de Anquises, o pai de Eneias, e como se fosse uma etiologia para esta prática (Verg., *Aen.*, 5.545-603). Augusto tentou criar uma periodicidade maior para o *ludus Troiae* (Suet., *Aug.*, 43). Vide RODRIGUES, N. S.: «Tornar-se adulto na Antiguidade Clássica», in FONSECA, A. C. (ed.): *Jovens Adultos*, Coimbra, Almedina, 2014, pp. 87-130.

8. A língua portuguesa não tem um termo para definir a condição da relação de parentesco entre Nero e Britânico depois de Cláudio e Agripina Menor se terem casado, ao contrário do castelhano, que usa *hermanastro*, ou do inglês, que usa *stepbrother*.

9. O episódio da serpente na cama de Nero é também contado por Suet., *Nero*, 6.4, relaciona-se com uma tentativa de assassinio por parte de Messalina e parece evocar o mito grego, narrado por Píndaro, segundo o qual Hera teria tentado eliminar Hércules ainda bebé, enviando duas serpentes para matar a criança na cama. Vide Pind.,

Com efeito, Britânico parece ser uma peça essencial no xadrez do poder. Note-se como Gaio Sílio estava, segundo Tácito, preparado para adoptar o jovem filho de Cláudio em caso de união e conspiração com Messalina (Tac., *Ann.*, II.26). Naturalmente, essa disposição devia-se não só ao facto de Britânico ser filho de Cláudio, como também de ser descendente de Marco António e de Octávia (de quem era trineto), irmã de Augusto. Tais raízes davam-lhe a força necessária para garantir ou reivindicar uma legitimidade no poder¹⁰. Por outro lado, há que referir que o apoio que a turba dá a Nero poderá não ser gratuito ou um artifício meramente retórico do autor, devendo considerar-se a possibilidade de se relacionar com o facto de Nero ser descendente directo de Germânico, de quem era neto, e de Augusto, duas figuras que conheceram uma popularidade particular no seu tempo. Este aspecto parece-nos particularmente importante, visto que, como nota J. F. Drinkwater, Nero não era um intruso ou um mero usurpador do poder, filho de uma madrasta perversa. Esse é o ponto de vista dos herdeiros directos de Cláudio¹¹. Mas a verdade é que Nero era sobrinho-neto do padraсто, Cláudio, e trineto e sobrinho-trineto de Augusto. Já Britânico era «apenas» sobrinho-trineto de Augusto¹².

Há ainda outro factor a levar em conta: o facto de Britânico se ter tornado o único filho varão de Cláudio. Com efeito, entre 20 e 23 d.C., Cláudio Druso, o filho que Cláudio tivera de Urgulanila, morreu inesperadamente. Suetónio conta que terá sido um acidente (asfixia causada por uma pêra), não deixando de colocar em dúvida uma eventual intervenção de Sejano no desaparecimento do rapaz, até porque o jovem tinha acabado de ficar comprometido em casamento com Élia Junila, filha de Élio Sejano (Suet., *Cl.*, 27.1). De qualquer modo, a morte de Cláudio Druso fez com que Britânico se tornasse o único herdeiro legítimo e de sangue do seu pai. Este factor aumentou, naturalmente, a importância política do jovem príncipe imperial.

Em 49 d.C., depois de se ter casado com Agripina Menor, Cláudio adopta oficialmente, e a contragosto (Tac., *Ann.*, 12.25), o filho que ela tivera de Gneu Domício Aenobarbo: Lúcio Domício Aenobarbo. Esta adopção deve também ser entendida como uma garantia de sucessão, sem que exclua necessariamente Britânico, pois o facto é que este era então ainda muito jovem (teria c. cinco anos de idade) e Cláudio cedeu às pressões para que o seu processo sucessório continuasse sem perturbações, para os apoiantes de Agripina. Seja como for, ao adoptar Nero, Cláudio criava

Nem., 1.39-49. O tema teve também êxito nas artes plásticas, nomeadamente em Roma. Sobre esta questão e sobre a presença de tópicos mitológicos na historiografia clássica, vide ainda RODRIGUES, N. S.: «História, Filologia e Problemáticas da Antiguidade Clássica», in REIS, M. F. (coord.): *Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, Lisboa, Edições Colibri, 2007, pp. 643-659. A este propósito, citamos outro exemplo retirado de Suet., *Tib.*, 45, em que uma matrona de nome Malónia, ao ver-se perseguida e assediada por Tibério, se suicida com recurso a um punhal, reproduzindo assim a lenda de Lucrecia.

10. Que Britânico foi visto como potencial herdeiro de Cláudio pode também confirmar-se por outras fontes, como se lê em CASTORIO, J.-N.: *Messaline. La putain impériale*, Paris, Payot, 2015, pp. 81-83.

11. Esta é também a perspectiva do autor da *Octavia*, atribuída a Séneca. Vide HURLEY, D. W.: «Biographies of Nero», in BUCKLEY, E. & DINTER, M. T. (eds.): *A Companion to the Neronian Age*, Oxford, Wiley-Blackwell, 2013, p. 35. Esta problemática (*Nero insitius*) é particularmente estudada por LEFEBVRE, L.: *Le mythe Néron. La fabrique d'un monstre dans la littérature antique (I^{er}-V^e s.)*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, 2017, pp. 171-174.

12. DRINKWATER, J. F.: *Nero. Emperor and Court*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019, p. 14; BARRETT, A. A.: *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius. Mother of Nero*, London, Batsford, 1996, p. 137.

facções na corte de apoio a ambos os filhos¹³. Doravante, o filho do imperatriz e agora filho oficial do imperador passa a chamar-se *Nero Claudius Drusus Germanicus*. O nome de Nero evoca tudo o que Roma quer recordar em termos de personalidades com carisma político e próximas do poder, nomeadamente *Drusus* e *Germanicus*.

Depois do casamento com o tio e do matrimónio de Nero com Octávia, a filha de Cláudio e Messalina, a adopção do filho constitui o segundo grande momento do caminho de Agripina Menor em direcção ao poder¹⁴. As relações de parentesco confundiam-se cada vez mais com as linhagens do domínio imperial. No entanto, apesar das cedências de Cláudio às pretensões de Agripina, os filhos que tivera de Messalina parecem não desaparecer do horizonte das preocupações do imperador. Note-se, por exemplo, como Messalina os usa, recorrendo à sua condição de *mater*, para tentar mitigar o impacte da descoberta da traição no marido e assim manipular a decisão do imperador (Tac., *Ann.*, II.32). Também não deixa de ser pertinente que as referências a Octávia e Britânico sejam mais frequentes nos textos antigos do que as que se fazem aos outros filhos de Cláudio: Cláudio Druso, Cláudia e Cláudia Antónia. Mas esse factor deverá relacionar-se também com a importância que os filhos de Messalina acabaram por ter no principado de Nero: ela, porque se tornou imperatriz; ele, porque foi dramaticamente afastado do poder pela ameaça que passou a constituir para o projecto e ambições do novo *Princeps*.

Ao longo da narrativa, Tácito vai construindo a acessão de Nero à custa da desvalorização progressiva de Britânico. O historiador assinala, por exemplo, como, depois do compromisso estabelecido para o casamento de Nero com Octávia, «ac super priorem necessitudinem sponsus iam et gener Domitius aequari Britannico studiis matris» (Tac., *Ann.*, 12.9). Este é também o primeiro de dois momentos em que Nero é igualado a Britânico, em termos de direito ao poder. O segundo momento é aquele em que Cláudio adopta Nero, frisando desse modo, e tacitamente, a puerícia de Britânico, por lhe reconhecer uma incapacidade, ainda que temporária, para o exercício da autoridade e do comando. Tácito conta que a adopção de Lúcio Domício foi incentivada por Palas, o libertado defensor da causa de Agripina, e que o principal objectivo dessa adopção – ou o principal argumento usado por Palas e Agripina para convencerem Cláudio a adoptar o enteado – terá sido proteger o ainda jovem Britânico e, ao mesmo tempo, assegurar a continuidade do poder na família imperial (Tac., *Ann.*, 12.25). É aliás esse argumento que justifica a comparação que se faz com o caso de Augusto e a adopção que o Príncipe fez do enteado Tibério, apesar de, na ocasião, ter ainda os netos. O mesmo se teria passado com Tibério que, apesar de ter descendência natural para lhe suceder, adoptou Germânico. Deste

13. BARRETT, A. A.: *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius. Mother of Nero*, London, Batsford, 1996, p. 111; CHARLES, M. B.: «Suet., 'Ner., 7.1: Britannicum subditivum'», *Mnemosyne*, 68/2 (2015), pp. 290-296; MELMOUX, J.: «La lutte pour le pouvoir en 51 et les difficultés imprévues d'Agrippine: Remarques sur Tacite. Annales XII, 41, 5 et XII, 42, 1-5», *Latomus*, 42/2 (1983), pp. 350-361.

14. A bibliografia sobre esta questão é imensa. Citamos apenas dois títulos que nos parecem particularmente importantes para o seu estudo: BARRETT, A. A.: *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius. Mother of Nero*, London, Batsford, 1996; GIROD, V.: *Agrippine. Sexe, crimes et pouvoir dans la Rome Impériale*, Paris, Tallandier, 2015. Note-se que, entretanto, também Octávia foi adoptada por outra *gens*, num artificio jurídico que tinha como objectivo evitar que, pela sua adopção por Cláudio, Nero se tornasse irmão da própria mulher (D.C., 61.33.2).

modo, Cláudio «Domitium filio anteponit» (Tac., *Ann.*, 12.25). Lúcio Domício foi assim recebido na *gens Claudia*, enquanto Agripina era glorificada com o título de *Augusta* (Tac., *Ann.*, 12.26).

Neste ponto da narrativa, Tácito não resiste a expressar algumas reflexões, nomeadamente: «quibus patris nemo adeo expers misericordiae fuit quem non Britannici fortuna maiore adficeret. desolatus paulatim etiam seruilibus ministeriis perintempestiva nouercae officia in ludibrium uertebat, intellegens falsi» (Tac. *Ann.* 12.26). Note-se, porém, como neste passo Tácito transforma Britânico no herói de um Märchen, oprimido pela madrasta má. Desse modo, o jovem príncipe começa a definir-se como um herói positivo desta narrativa, vítima de um poder opressor. Essa condição não implica uma menorização da personagem, visto que um dos objectivos dos *Annales* é precisamente, numa perspectiva eminentemente senatorial (que, todavia, não exclui o apreço pelos bons *principes*), criticar negativamente e pôr a nu as arbitrariedades dos tiranos.

A percepção construída em *Ann.*, 12.26 confirma-se adiante, quando Tácito refere que, durante o consulado de Cláudio, Nero recebeu a *toga uirilis*¹⁵. O historiador faz questão de frisar que Nero a recebeu ainda prematuramente (o jovem príncipe estaria na passagem dos treze para os catorze anos). Mas importava apresentá-lo a Roma como alguém maduro e preparado para iniciar uma carreira política (Tac., *Ann.*, 12.41)¹⁶. Agripina Menor e os seus apoiantes seriam os principais interessados nisso. É também neste contexto que devemos entender as prerrogativas que são então referidas. De Nero, é esperado que atinja o consulado aos vinte anos de idade (o que seria uma idade precoce). Até lá, Nero exerceria as funções de *consul designatus* (i.e., magistrado eleito pelos comícios centuriatos, mas não desempenhando ainda funções efectivas) e usufruiria de autoridade proconsular, fora da Urbe. Mais importante do que estas funções e cargos, porém, nas circunstâncias em causa parece ter sido o facto de o jovem filho de Agripina Menor ter sido agraciado com o título de *Princeps Iuuentutis* (Tac., *Ann.*, 12.41)¹⁷. A importância deste título deriva de ele ter sido originalmente atribuído por Augusto aos seus netos, Gaio e Lúcio César, sendo que a honra estava também na associação que o título fazia de modo tácito à escolha do imperador para a sua sucessão (com efeito, o *princeps* não tinha poder efectivo para indicar o seu sucessor, pelo que a designação de um jovem como «Príncipe da Juventude» acabava por funcionar como uma forma oficiosa de escolher ou determinar quem lhe sucederia nas funções imperiais).

Além da demonstração popular, Cláudio (ou Agripina) preocupam-se em garantir também o apoio militar, o qual, como a História Romana mostra, não raramente se

15. Em Roma, o envergar da *toga uirilis* correspondia a uma cerimónia iniciática. Ao envergá-la, por norma aos catorze anos de idade, os rapazes romanos assinalavam o fim da infância e marcavam o início da idade adolescente. Sobre esta questão, vide RODRIGUES, N. S.: «Tornar-se adulto na Antiguidade Clássica», in FONSECA, A. C. ed.: *Jovens Adultos*, Coimbra, Almedina, 2014, pp. 87-130.

16. Sobre esta questão, BARRETT, A. A.: *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius. Mother of Nero*, London, Batsford, 1996, p. 116.

17. A nomeação de Nero foi celebrada com emissão de moedas ostentando o título. Vide BARRETT, A. A.; FANTHAM, E.; YARDLEY, J. C. eds.: *The Emperor Nero. A Guide to the Ancient Sources*, Princeton/Oxford, Princeton University Press, 2016, pp. 14-15.

revelou essencial para a designação e/ou manutenção de um imperador na função. Para o efeito, diz Tácito, o imperador ofereceu ao exército e à população, em nome de Nero, uma gratificação, eventualmente em dinheiro e em bens alimentares («donatium militi, congiarium plebei»).

É também nesse momento que Tácito, seguindo o método de apresentar Britânico a par de Nero e enfatizando o carácter positivo de um e o negativo de outro, se refere à presença de ambos os rapazes no circo, nos *ludi* oferecidos também para conquistar as simpatias do público para o jovem filho de Agripina, que ainda não as teria (refere-o explicitamente o historiador, «quod adquirendis uulgi studiis edebatur»), sendo que um, Nero, se apresenta envergando vestes triunfais (*triumphali ueste*), enquanto o outro, Britânico, aparece vestindo a *praetexta*, a toga usada pelos rapazes que ainda não estavam em condições de envergarem a toga viril¹⁸. Esta é a segunda grande cena de cinco na construção da biografia de Britânico. Em comum com a primeira, é o espaço público em que decorre, mais concretamente, o ambiente circense. Ali, a mensagem tal como transmitida pelo historiador é clara: Nero tem capacidade para suceder a Cláudio; Britânico não. O próprio Tácito o conclui:

Spectaret populus hunc decore imperatorio, illum puerili habitu, ac perinde fortunam utriusque praesumeret (Tac., *Ann.*, 12.41).

Mas o texto de Tácito revela também que a manobra da facção agripinense estava longe de ser recebida de modo consensual. Afirma o historiador que todos os centuriões e tribunos que mostraram simpatia pela causa de Britânico foram afastados da vida pública, sob vários pretextos («remoti fictis causis et alii per speciem honoris», Tac., *Ann.*, 12.41). E o mesmo aconteceu aos libertos que apoiavam a causa do filho de Messalina¹⁹. É, aliás, a este propósito que Tácito faz questão de revelar, na terceira de cinco cenas, que Britânico, apesar de jovem, estaria longe de se conformar com o destino político – e familiar – que Agripina Menor e Nero lhe reservavam e a que o votavam, com a aparente complacência do pai. Numa ocasião, ao cumprimentar Nero, Britânico ter-se-lhe-ia dirigido como «Domício», ignorando, eventualmente de modo propositado, que esse era o nome do rapaz antes da adopção por parte do Príncipe. Dessa maneira, Britânico afrontava o agora seu irmão legítimo. Preocupada com o sinal de resistência, Agripina interveio junto do imperador, acusando aqueles que rodeavam Britânico como a raiz do problema (Tac., *Ann.*, 12.41)²⁰. Desse modo, a imperatriz consegue também o afastamento de

18. Sobre esta questão, RODRIGUES, N. S.: «Tornar-se adulto na Antiguidade Clássica», in FONSECA, A. C. ed.: *Jovens Adultos*, Coimbra, Almedina, 2014, pp. 87-130.

19. Como vemos pela escolha da quarta mulher de Cláudio, os libertos tinham particular influência na corte, neste período. Sobre essa escolha, vide Tac., *Ann.*, 12.1, em que se destaca a acção política de bastidores dos libertos Palas, Narciso e Calisto. Sobre o carácter tipológico do episódio na historiografia de Tácito, vide RODRIGUES, N. S.: «História, Filologia e Problemáticas da Antiguidade Clássica», in REIS, M. F. (coord.): *Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, Lisboa, Edições Colibri, 2007, pp. 643-659. Outros passos revelam a importância dos libertos, como Tac. *Ann.* 12.65, em que Narciso considera a hipótese de apoiar Britânico nas suas aspirações políticas. Note-se ainda que Tácito dá conta de também senadores e cavaleiros que apoiavam Britânico, pagando alguns caro por terem assumido essa posição política, cf. Tac., *Ann.*, 13.10.

20. Segundo Suet., *Nero*, 7.1, Britânico ter-se-ia dirigido como «Aenobarbo» e não como «Domício». Com efeito, fosse uma ou outra forma, o resultado seria o mesmo, pois o ponto em questão estava no facto de, ao tratar

todos os que, ao nível doméstico, apoiavam e protegiam o filho de Messalina, e a sua substituição por pessoas da sua confiança, fazendo assim com que o jovem príncipe ficasse cada vez mais isolado, marginalizando-o (cf. D.C., 60.32.5).

A evolução da conjuntura política, contudo, em grande parte derivada da vivência da corte, levou a que Cláudio comesse a questionar a decisão que tivera de nomear Nero seu sucessor e a reconsiderar Britânico para a função imperial. Aliás, essa questão não terá sido alheia à morte do próprio imperador. Naturalmente, esta nossa reflexão parte da hipótese de a própria Agripina Menor ter estado envolvida na morte de Cláudio (cf. Tac., *Ann.*, 12.67-68), o que, no entanto, não é historiograficamente consensual entre os especialistas²¹. De certa forma, esta ideia confirma-se pela atitude que Agripina passa a revelar para com o enteado logo após a morte de Cláudio e ainda antes da acessão de Nero ao trono. Segundo Tácito, a imperatriz, assegura a proclamação do filho, começando a entreter a população romana, de modo a evitar desfechos políticos inesperados e cujo controlo lhe escapasse. De igual modo, Agripina consegue fazer com que Britânico fique confinado nos seus aposentos, demonstrando para com o rapaz uma falsa empatia, consonante com o facto de Cláudio nada ter feito para fortalecer a causa do filho «natural» (Tac., *Ann.*, 12.68; cf. D.C. 60.32.1)²². A viúva de Cláudio fá-lo não apenas com Britânico, mas também com as irmãs do jovem e igualmente filhas de Cláudio: Cláudia Antónia e Octávia (Tac., *Ann.*, 12.68). Deduz-se que, naquela circunstância, era fundamental evitar que os filhos naturais de Cláudio aparecessem publicamente e assim, não só divulgassem a morte do príncipe, como suscitassem apoios que poderiam colocar em causa a escolha política de Nero para o cargo imperial. Essa será a mesma razão pela qual Agripina evita a leitura pública do testamento de Cláudio: impedir o desencadeamento de sentimentos de injustiça relativamente a Britânico no calor dos acontecimentos cujo desfecho seria imprevisível (Tac., *Ann.*, 12.68)²³.

Ainda assim, segundo o texto de Tácito, houve, entre os militares, quem perguntasse por Britânico (Tac., *Ann.*, 12.69), factor narrativo que, independentemente da sua possível existência real, funciona também como elemento dramático na composição tacitiana, contribuindo para a concretização de uma espécie de «comédia do poder», sem prejuízo para a tensão trágica que se vai acumulando. Perante as ausências (e é notável como, em Tácito, a ausência de Britânico o torna ainda mais presente em toda a cena)²⁴, os eventuais apoiantes de Britânico desistem e acabam por aclamar Nero. A confirmação do jovem filho de Agripina Menor como imperador culmina então com mais uma gratificação da soldadesca, tal como Cláudio fizera

Nero pelo seu anterior nome de família, Britânico estar a dar sinal de que ignorava ou rejeitava a adopção do filho de Agripina Menor na *gens Claudia*.

21. Esta questão ultrapassa os objectivos deste estudo. Há, contudo, vária bibliografia que pode ser consultada a respeito do assunto, e.g. BARRETT, A. A.: *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius. Mother of Nero*, London, Batsford, 1996; SHOTTER, D.: *Nero*, Lisboa, Edições 70, 2008, p. 33, que recorda que, já na Antiguidade, Josefo considerava a culpa de Agripina na morte de Cláudio um rumor.

22. GRIFFIN, M. T.: *Nero. The End of a Dynasty*, London, Routledge, 2000, p. 32.

23. Sabemos, através de uma inscrição de Amiso, que Britânico foi amplamente, no tempo e no espaço, considerado um membro de pleno direito da família imperial e por isso digno de honras. Vide documentação citada em CIZEK, E.: *Néron*, Paris, Fayard, 1997, p. 54.

24. Devo esta pertinente reflexão a M. C. de Sousa Pimentel, a quem agradeço.

quando foi aclamado imperador (Tac., *Ann.*, 12.69: cf. Suet., *Cl.*, 10.4, que refere que o recém empossado Príncipe prometeu quinze mil sestércios a cada membro da guarda pretoriana, pelo seu apoio; cf. ainda J. *AJ* 19.246-247). O objectivo desta medida entende-se ainda de modo mais claro se levarmos em conta o que Díon Cássio diz acerca da transmissão do poder depois da morte de Cláudio. Segundo o historiador, em justiça, o poder caberia a Britânico, o filho de sangue (*gnesios*) de Cláudio (μὲν τὸ δικαιότατον ἢ ἡγεμονία τοῦ Βρεττανικοῦ), mas por lei pertencia também a Nero, o que levou o filho de Agripina a destruir o testamento de Cláudio, conseguindo assim evitar mais ambiguidades na questão da sucessão (D.C., 61.1-2)²⁵.

Recorrendo a um termo aristotélico, o momento que levará à *metabole* na vida de Britânico é espoletado pelo afastamento de Nero relativamente à sua mãe. Nas fontes, nomeadamente em Tácito, sugere-se que a aproximação do Príncipe a elementos menos recomendáveis e desgostosos para Agripina Menor, como a liberta Cláudia Acte, com a consequente rejeição de Octávia, que em termos públicos reforçava, pelo matrimónio, a legitimidade política do Príncipe, teria levado Nero a afastar-se cada vez mais da influência da mãe (Tac., *Ann.*, 13.12). O argumento não nos parece inusitado, mas à distância em que nos colocamos podemos também pensar num amadurecimento do Príncipe e na abertura a outras influências (de que são exemplos os jovens Marco Otão e Cláudio Senecião, referidos por Tac., *Ann.*, 13.12), que o teriam levado a relativizar, senão mesmo a mitigar, a importância de Agripina na sua vida. A filha de Germânico aceitou mal o afastamento do filho. Com efeito, com outros autores, não podemos deixar de entrever nas atitudes da imperatriz uma necessidade de se manter próxima do poder, ou até mesmo de exercê-lo. Todas as acções para colocar Nero no trono imperial (já para não falar do esforço para se aproximar de Cláudio e para se casar com ele) apontam nessa direcção. Mas, o movimento seguinte de Agripina não foi o mais eficaz. Segundo Tácito, cansado das intervenções da mãe, muito provavelmente tornadas públicas, Nero afasta-se do poder. Agripina apercebe-se de imediato do erro e muda de tática, mostrando o seu apoio às opções do filho. Nero, porém, estava já rodeado de conselheiros (entre eles, Séneca, Tac., *Ann.*, 13.13), que o alertam para a influência tóxica da imperatriz-mãe. Progressivamente, o afastamento entre filho e mãe vai-se tornando cada vez maior. Uma das formas de o mostrar é retirando dos círculos do poder todos os que eram próximos de Agripina, entre eles o liberto Palas que defendera a sua causa perante Cláudio (Tac., *Ann.*, 13.14). É então que Agripina decide mudar de estratégia, adoptando uma fórmula que acabará por selar o destino de Britânico.

Tácito conta que, perante a evolução dos acontecimentos, Agripina Menor decide proclamar publicamente, «neque principis auribus abstinere quo minus testaretur adultum iam esse Britannicum». E acrescenta, «ueram dignamque stripem suscipiendo patris imperio» (Tac., *Ann.*, 13.14). As proclamações de Agripina

25. Sobre alegados ecos de Britânico na *Apocolocyntosis*, escrita por Séneca em 54 d.C., vide GRIFFIN, M. T.: *Nero. The End of a Dynasty*, London, Routledge, 2000, pp. 96-97; CIZEK, E.: *L'Époque de Néron et ses controverses idéologiques*, Leiden, Brill, 1972, pp. 81-84. Sobre uma eventual participação de Séneca na «campanha» contra Britânico, vide ainda GIROD, V.: *Agrippine. Sexe, crimes et pouvoir dans la Rome Impériale*, Paris, Tallandier, 2015, p. 109 e bibliografia aí citada.

são acompanhadas de gestos: Tácito refere explicitamente a forma como ela ergue as mãos, dando uma configuração de arenga à intervenção, e as ameaças concretas que profere, das quais a mais significativa é a de levar Britânico ao acampamento pretoriano (*in castra*) e apresentar-se perante a guarda imperial de elite na qualidade de filha de Germânico (de boa memória entre os soldados, há que referir)²⁶, acompanhada do filho de sangue, e por isso legítimo, de Cláudio. Assim, Agripina passa a encarar Britânico como um *princeps* alternativo, que, ao contrário do que entrevê com o próprio filho, poderá mantê-la próxima do poder²⁷.

Eventualmente, a imperatriz tentou amedrontar o filho, na expectativa de o fazer recuar quanto à forma como estava a tratá-la. Mas Nero, que de facto se terá sentido ameaçado (Tácito usa o adjectivo *turbatus*, Tac., *Ann.*, 13.15) pelas circunstâncias, contraataca. Quanto às circunstâncias, elas eram (i) a proximidade do dia em que Britânico completaria os catorze anos de idade e, com isso, garantir o direito a usar a *toga uirilis*, expondo assim publicamente a sua maturidade cívica; e (ii) o facto de Cláudio ter recebido a apoteose em 54 d.C. (Tac., *Ann.*, 12.69), transformando assim Nero, mas também Britânico num *filii diui*, o que lhe aumentava o carisma perante o poder²⁸. Tácito insere então nos *Annales* o quarto episódio ou cena centrada em Britânico.

Conta o historiador que, durante uma celebração dos *Saturnalia*, os jovens celebrantes lançaram os dados para ver qual deles encarnaria a figura do *rex Saturnalicus* e a sorte caiu sobre Nero, que de imediato assumiu o papel²⁹. Neste ponto, convém recordar que a figura do *rex* não era, desde a instituição da República, benquista aos Romanos, sendo associada à tirania no seu sentido pejorativo. Mesmo aquando da instituição do Principado por Augusto, ainda que o regime se aproximasse em muitos aspectos de uma monarquia, sempre se evitou usar o termo *rex* pelas recordações negativas que ele evocava aos Romanos. De igual modo, Augusto sempre fez questão de afirmar que Roma continuava uma República. E uma das formas de os opositores do Principado se expressarem era precisamente associando os *principes* aos *reges*. Recorde-se, ainda, que uma das razões apontadas pelos homicidas de Júlio César para o eliminar é a alegada pretensão régia que o general teria como agenda política ou que, pelo menos, outros consideravam que ele teria (cf. Suet., *Caes.*, 79.2, 80.3). Neste contexto, o momento em que a sorte determina que Nero seja o rei dos *Saturnalia* está longe, na escrita de Tácito, de ser inocente enquanto elemento caracterizador do *Princeps*.

26. Sobre Germânico, vide e.g. WILLIAMS, K. F.: «Tacitus' Germanicus and the Principate», *Latomus*, 68/1 (2009), pp. 117-130.

27. Esta interpretação suscita algumas dúvidas a alguns autores, que salientam sobretudo o enredo político que a imperatriz cria, ao nível do que designamos por *bluff*. Vide e.g. BARRETT, A. A.: *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius. Mother of Nero*, London, Batsford, 1996, p. 169.

28. FISHWICK, D.: «The Deification of Claudius», *Classical Quarterly*, 52/1 (2002), pp. 341-349; DRINKWATER, J. F.: *Nero. Emperor and Court*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019, p. 175.

29. Por Epict., *Diss.*, 1.25.8. ficamos a saber que a prática de conceder poderes arbitrários a um dos convivas, que se tornava temporariamente onipotente, era comum neste festival. Tratar-se-ia de algum semelhante ao que hoje conhecemos como a brincadeira infantil «O Rei manda...».

É nesse papel que Nero dá ordens aos convivas. Entre eles, está Britânico, a quem Nero ordena que cante. Eventualmente, o objectivo é humilhar o rapaz. Mas, num golpe teatral, a expectativa do imperador sai frustrada, pois Britânico começa a dizer um poema em que ecoa a sua situação de vítima, filho deserdado, expulso da casa de seu pai e afastado do trono que deveria ser seu por direito (Tac., *Ann.*, 13.15). O momento da lamentação de Britânico corresponde a um tópico literário conhecido na cultura greco-romana e particularmente presente nos epitáfios³⁰. Por outro lado, e levando em consideração o recurso, já aludido, de Tácito a tópicos mitológico-literários para compor situações e personagens no âmbito da historiografia que faz, seria inevitável que um Britânico lamentando-se pela perda de um trono e pela expulsão de casa de seu pai num contexto particularmente emotivo não fosse associado pela audiência a personagens como Orestes ou Telémaco, que na literatura grega com Britânico comungam desse destino³¹.

A cartada jogada por Britânico resulta, pois o lamento do rapaz suscita o *pathos* entre os que o rodeiam e, por conseguinte, a simpatia de muitos dos que o ouvem. Por seu lado, Nero deixa crescer em si o ódio («Nero intellecta invidia odium intendit», Tac., *Ann.*, 13.15, retrato com que Tácito contribui para uma composição anti-estóica do imperador) e acaba por se decidir pela eliminação do cunhado/«irmão»³². Para isso, fá-lo rodear de indivíduos da sua confiança e recorre aos serviços de uma mulher, Locusta, célebre como envenenadora, para que dela consiga o meio para eliminar Britânico. O filho de Cláudio é cada vez mais um jovem só em diálogo com o seu *fatum*.

A morte de Britânico é, em Tácito, um acto em duas cenas. Juntas, constituem o quinto episódio da vida do jovem. Segundo o autor dos *Annales*, há uma primeira tentativa de eliminação que, todavia, resulta num desaire. Britânico escapa, apesar de ingerir o veneno. A investida falhada para envenenar o jovem príncipe funciona também como elemento retardador da acção e, ao mesmo tempo, de adensador da tensão no sentido de criar a suspensão temporária das emoções na audiência. Depois, Nero cria as condições para uma segunda tentativa.

Esta segunda oportunidade corresponde à cena final da vida de Britânico, o último momento em que a historiografia de Tácito se centra no jovem. Este é, também,

30. CASEY, E.: «Binding Speeches: Giving Voice to deadly thoughts in Greek Epitaphs», in SLUITER, I.; ROSEN, R. M. (eds.): *Free Speech in Classical Antiquity*, Leiden/Boston, Brill, 2004, pp. 74-76.

31. Evidentemente, uma vez mais, esta questão leva-nos a reflectir sobre a validade histórica dos factos apresentados por historiadores como Tácito. Se Britânico cantou ou não de facto naquela circunstância, dificilmente o saberemos. De qualquer modo, para os objectivos de Tácito, interessa mais a figura que assim se compõe e o impacto que ela tem na sua audiência do que se a situação ocorreu ou não. Por outro lado, assinala-se que não é isso que faz de Tácito um melhor ou pior historiador. A qualidade historiográfica do autor latino também se define pela sua qualidade literária. Ainda relativamente à comparação de Britânico com Orestes, recordemos que esse tipo de comparação seria já feito na própria Antiguidade e relativamente a Nero. A propósito do rumor de que Nero teria ordenado a morte da própria mãe, Suetónio conta que o *princeps* era comparado a Orestes e a Alcmeón, personagens da mitologia grega conhecidas como matricidas, Suet., *Nero*, 39.2; cf. ainda Juv., 8.215-221; COWAN, R.: «Starring Nero as Nero: Poetry, Role Playing and Identity in Juvenal 8.215-221», *Mnemosyne*, 62/1 (2009), pp. 76-89; vide ainda HURLEY, D. W.: «Biographies of Nero», in BUXKLEY, E. & DINTER, M. T. (eds.): *A Companion to the Neronian Age*, Oxford, Wiley-Blackwell, 2013, p. 35.

32. Note-se que Tácito nada refere de semelhante à sugestão feita por Suet., *Nero*, 33.2, de que Nero teria sentido ciúmes ou inveja da voz de Britânico. Sobre a atitude de Nero para com os estóicos, vide PIMENTEL, M. C. M. S.: «Tácito: a *virtus* estóica no feminino», *Euphrosyne*, 34 (2006), pp. 121-134.

de todos os momentos, o mais teatral: o do homicídio do príncipe, que ocorreu em 55 d.C. Tácito apresenta o cenário – o *triclinium* imperial – e as personagens: Britânico, Nero, Agripina Menor e Octávia são explicitamente referidos no passo (Tac., *Ann.*, 13.16). No capítulo seguinte, porém, o historiador refere-se às irmãs presentes, usando um genitivo plural (*sororum*, Tac., *Ann.*, 13.17), pelo que é legítimo deduzir que também Cláudia (muito provavelmente Antónia, a filha que Cláudio tivera de Élia Petina) seria um dos convivas no banquete. Depois, na introdução do episódio, Tácito começa por dizer que era costume as crianças imperiais tomarem as suas refeições à vista dos adultos (o que acontecia também nas cortes de Augusto e Cláudio), sentados com outros jovens da nobreza, em mesa própria. Na *Vida de Tito*, Suetónio refere que a proximidade entre Britânico e o filho de Vespasiano era grande, tendo sido criados e educados juntos, aproveitando assim para aludir ao vaticínio que predissera que o filho de Cláudio jamais seria imperador, mas que Tito sê-lo-ia, e para dizer que, no banquete fatal, também Tito ingeriu³³ o veneno administrado a Britânico e que acabou por matar o rapaz (Suet., *Tit.*, 2). Assim sendo, também Tito, o futuro imperador flávio, seria um dos convivas presentes³⁴.

Tácito descreve depois as circunstâncias. Refere-se ao provador oficial do príncipe e como ele seria entrave ao êxito do plano, e ainda à forma como os perpetradores do envenenamento contornaram esse obstáculo: a Britânico é dada uma bebida muito quente, todavia inócua, e, perante a elevada temperatura do líquido, o príncipe pede que lhe seja dada água para o temperar. O veneno teria sido administrado na água, visto que, ao contrário da bebida inicialmente dada, essa não teria sido provada pelo criado. O efeito teria sido imediato, levando o rapaz a morrer de modo quase instantâneo (Tac., *Ann.*, 13.16).

O momento seguinte foca-se nos convivas que assistem ao drama e à agitação que entre eles se instala. Quando se apercebem de que Britânico está em agonia, conta Tácito, alguns, os mais desprevenidos ou menos perspicazes (*imprudentes*, diz Tácito) abandonam o triclinio; os mais avisados (*altior intellectus*, escreve o historiador) mantêm-se imóveis nos seus lugares, de olhos fixos em Nero (*defixi et Neronem intuentes*), dando conta de que percebem o que acabara de acontecer. A cena é claramente teatral. Por sua vez, Nero mantém a calma e age como se nada fosse estranho, atribuindo o episódio a epilepsia de que Britânico padeceria desde a infância («*morbum quo prima ab infantia adfflictaretur*»), e garantindo que em breve tudo estaria normal³⁵. A calma de Nero contrasta com o silêncio (*silentium*, Tac., *Ann.*, 13.16) e o pavor que se instala nos restantes comensais. Sobre Agripina, Tácito diz que o terror (*pavor*) se apoderou dela, tentando ocultá-lo, mas não

33. Há alguma incompatibilidade entre o que Tácito (13.16) conta acerca da forma como o veneno foi administrado a Britânico e o que Suetónio (2) refere sobre o facto de também Tito o ter ingerido. Ainda assim, não nos parece impossível que tivesse acontecido tal como ambos os historiadores o referem (para tal, bastaria que o processo se tivesse passado com Tito exactamente da mesma forma como se passou com Britânico). O tópico, porém, transcende os nossos objectivos, pelo que não o trataremos aqui.

34. Sobre Britânico e Tito, vide BRANDÃO, J. L. L.: *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 114-115.

35. Sobre a possibilidade de Britânico padecer de epilepsia, vide BARRETT, A. A.; FANTHAM, E.; YARDLEY, J. C. (eds.): *The Emperor Nero. A Guide to the Ancient Sources*, Princeton/Oxford, Princeton University Press, 2016, pp. 43-44.

tendo êxito. Com efeito, Agripina não esperaria que o filho contra-atacasse de forma tão radical. Eventualmente, jamais teria pensado que ele seria capaz de matar o cunhado/«irmão». Por conseguinte, naquele momento, Agripina percebe que tudo é possível, que o perigo sobre ela é iminente e que o matricídio (*parricidium*) é uma possibilidade. Já Octávia, apesar de jovem, consegue manter a serenidade e sufocar os *affectus*. Tácito elogia-a por isso, transformando-a numa espécie de heroína estoíca, capaz de controlar as suas emoções, apesar da sua juventude e da crueldade do que acaba de assistir contra o seu próprio irmão: «dolorem caritatem, omnis adfectus abscondere didicerat»³⁶.

A narrativa em torno de Britânico termina com a sua morte. O acontecimento teve repercussões na corte, sobretudo entre os partidários da facção apoiante do jovem filho de Messalina³⁷. Tácito conta que o funeral se fez nessa mesma noite, apressadamente e longe dos olhares da população, sob uma tempestade identificada com a ira divina por causa do fratricídio. Tácito consegue desse modo uma carga ainda mais tenebrosa sobre o acontecimento (Tac., *Ann.*, 13.17; cf. D.C., 61.7.4). As cinzas de Britânico são depositadas no Campo de Marte, no mausoléu de Augusto. O historiador frisa que, com a morte do filho de Cláudio e Messalina, desaparecia da cena política romana o último dos *Claudii* (Tac., *Ann.*, 13.17). Mas esta referência é também ocasião para Tácito fazer uma última reflexão sobre Britânico e a sua relação com Nero.

2. A VIOLAÇÃO DE BRITÂNICO: UMA INTERPRETAÇÃO À LUZ DO MODELO «DOVER-FOUCAULT»

Os *Annales* de Tácito não são a única fonte a dar testemunho de Britânico. Como assinalámos a seu tempo, o príncipe aparece também noutras fontes, como Suetónio, Flávio Josefo e Dión Cássio. No entanto, é em Tácito que encontramos a

36. A crueldade de Nero é particularmente acentuada num passo em que Suetónio (*Nero* 33.2) frisa que Nero, descontente com os resultados da primeira tentativa de matar Britânico, obriga Locusta a refazer a poção e a experimentá-la em animais para que ele veja os resultados. Ainda a propósito do estoicismo, recordamos que a *Octávia*, atribuída a Séneca, será uma composição repleta de elementos estoícos, precisamente. Sobre esta questão, vide SEGURADO E CAMPOS, J.: *A tragédia Octavia. A obra e a época*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1972; WILLIAMS, G.: «Nero, Seneca and Stoicism in the *Octavia*», in ELSNER, J. & MASTERS, J. (eds.): *Reflections of Nero. Culture, History & Representation*, London, Duckworth, 1994, pp. 178-195.

37. Muito provavelmente, o *De clementia* terá sido escrito por Séneca depois do assassinio de Britânico, precisamente para acalmar aqueles a quem a morte do filho de Cláudio inquietara, CIZEK, E.: *Néron*, Paris, Fayard, 1997, p. 108. DRINKWATER, J. F.: *Nero. Emperor and Court*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019, p. 175, frisa, no entanto, que o afastamento de Britânico estaria de acordo com a filosofia de Séneca e o seu realismo político, segundo a qual os fins justificariam os meios. Recordamos ainda que um dos maiores beneficiários materiais depois da morte de Britânico terá sido o próprio Séneca e que o antónimo de *clementia* pode ser *saeuitia* ou *crudelitas*. Vide ainda GRIFFIN, M. T.: *Seneca, a Philosopher in Politics*, Oxford, Clarendon Press, 1976, pp. 135, 148-151; DRINKWATER, J. F.: *Nero. Emperor and Court*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019, p. 330; BRYAN, J.: «Neronian Philosophy», in BUCKLEY, E. & DINTER, M. T. eds., *A Companion to the Neronian Age*, Oxford, Wiley-Blackwell, 2013, pp. 144-145. Sobre a morte de Britânico em Tácito, especificamente, vide DUBUISSON, M.: «La mort de Britannicus: lecture critique de Tacite», *L'Antiquité Classique*, 68 (1999), pp. 253-261; SCHMITZER, U.: «Der Tod auf offener Szene. Tacitus über Nero und die Ermordung des Britannicus», *Hermes*, 133/3 (2005), pp. 337-357.

única referência à violação de Britânico por parte de Nero, pelo que é no autor dos *Annales* e nesta obra que nos centramos agora.

O capítulo 17 do livro 13 dos *Annales* é o lugar em que encontramos uma última referência do historiador ao filho de Cláudio e Messalina. Depois de aludir aos funerais do jovem, descritos num contexto de *locus horrendus*, Tácito passa a mencionar um episódio que, segundo afirma, teria sido contado por vários escritores. Como assinalámos, porém, hoje, apenas conhecemos o texto de Tácito a fazê-lo.

Segundo o autor dos *Annales*, o maior de todos os ultrajes feitos por Nero a Britânico tinha ocorrido dias antes do assassinio do rapaz, pelo que a sua morte não poderia ser vista como algo inusitado ou tão terrível como parecia («tradunt plerique eorum temporum scriptores crebris ante exitium diebus illud isse pueritiae Britannici Neronem, ut iam non praematura neque saeva mors uideri queat», Tac., *Ann.*, 13.17). Note-se que Tácito usa *pueritia* de modo a enfatizar a puerilidade de Britânico e assim tornar a ofensa ainda mais cruel. A estes factores, o historiador acrescenta ainda o pormenor de tudo ter acontecido à mesa, espaço sagrado da comunhão humana (*sacra mensa*)³⁸, e sem ter sido dada sequer a oportunidade de a vítima abraçar as próprias irmãs, numa insinuação que implica o desrespeito pela *pietas* familiar tão cara aos Romanos («ne tempore quidem ad complexum sororum dato»).

Numa síntese, Tácito escreve um texto cru e duro: «stupro prius quam ueneno pollutum» («primeiro, manchado pelo estupro; depois, pelo veneno», Tac., *Ann.*, 13.17). Pelas palavras de Tácito, mais em concreto pelo uso de *stuprum*, percebemos que a acusação que se faz a Nero é a de ter violado sexualmente o cunhado/«irmão». Com efeito, o termo latino *stuprum* refere-se tanto a «uma relação sexual entre um homem e uma mulher com a qual ele não seja casado e que não seja sua escrava ou concubina», como a «uma relação sexual ilícita, contrária à moralidade vigente»³⁹. A ofensa de Nero a Britânico, enquanto *stuprum*, enquadrar-se-ia, portanto, nesta segunda categoria. Em que sentido?

Na verdade, o foco da questão não estava no facto de se tratar de dois indivíduos do mesmo género e, por conseguinte, se tratar de uma relação homossexual. As fontes dizem-nos que a homossexualidade, ou o que hoje entendemos por homossexualidade (visto que esse seria um conceito desconhecido dos Romanos), não seria uma prática moralmente censurável, desde que concretizada em determinadas circunstâncias, nomeadamente, que o indivíduo que assumisse a função classificada como passiva não fosse livre ou cidadão romano de plenos direitos. Isto é, em Roma, como na Grécia, a questão da sexualidade colocava-se não tanto em termos de género, quanto em termos de hierarquia social. Parte desta leitura assenta no que há já seis décadas Dover e Foucault, sobretudo, escreveram sobre a sexualidade na

38. Sobre esta questão, vide PIMENTEL, M. C. S.: «*Ex mensa exitium*: morte e ignomínia nos alimentos ou na privação deles», in PINHEIRO, J. & SOARES, C. coords., *Patrimónios alimentares de Aquém e Alémmar*, Coimbra/São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016, pp. 543-555.

39. WILLIAMS, C. A.: *Roman Homosexuality*, Oxford, Oxford University Press, 2010, pp. 103-136; FANTHAM, E.: «'Stuprum': Public Attitudes and Penalties for Sexual Offences in Republican Rome», *Echos du Monde Classique/Classical Views*, 35 (1991), pp. 267-291; DALLA, D.: *Ubi Venus mutator: Omossessualità e diritto nel mondo romano*, Milano, Giuffrè, 1987.

Antiguidade Clássica. Como ambos os autores notaram, no âmbito de uma leitura construcionista e de espírito estruturalista – ainda que não tenham sido os únicos a fazê-lo ou sequer tenham sido aceites de forma unânime por toda a comunidade científica –, a sexualidade antiga era entendida não de uma forma igualitária ou recíproca, mas sim numa perspectiva hierarquizada, na qual um dos agentes está sempre subordinado ao outro⁴⁰. Este modelo sócio-mental levava a que, nas relações sexuais, independentemente do género a que os indivíduos pertencessem, um dos parceiros desempenhasse sempre um papel activo, e por isso de superioridade e domínio, enquanto o outro assumia por oposição e necessariamente um papel passivo e, como tal, de inferioridade e subordinação.

Há que recordar que aquele que pode ser chamado «modelo de Dover-Foucault» (nomes a que se têm associado outros, como os de G. Devereux e P. Veyne, dada a afinidade e convergência interpretativa destes autores na problemática) tem vindo a ser questionado por alguns especialistas na Antiguidade, que o têm considerado redutor e demasiado simplista, falhando numa análise abrangente da sociedade e mentalidade greco-romanas⁴¹. Ainda assim, e perante a complexidade do problema, a maioria dos autores tem-no assumido como ferramenta de trabalho e utensilagem conceptual válidas, visto permitir o estabelecimento de diferenças fundamentais de perspectiva entre a Antiguidade e o mundo hodierno, ainda que corra o risco de ser utilizado ideologicamente (e de facto tem-no sido). De qualquer forma, estamos conscientes de que o problema se reveste de questões mais complexas. Num extenso artigo publicado em 2001, J. Davidson, e.g., criticou e tentou desmontar o modelo «Dover-Foucault», afirmando que a «tese da penetração» como motor do pensamento sexual dos Gregos, por exemplo, não explica o gosto helénico pelo androerotismo: «Inasmuch as Greek (homo)sexuality was said to be concerned with roles in sexual acts rather than gender-orientation it was demonstrably different from modern (homo)sexuality, thus proving that (Greek) (homo)sexuality was a cultural phenomenon»⁴². A observação é pertinente. No entanto, não nos parece que a proposta avançada por Davidson seja a mais eficaz enquanto ferramenta para analisar esta questão, pois em sociedades modernas, mais ou menos tolerantes em relação à orientação e comportamento sexual dos indivíduos, mantêm-se formas de interacção sexual e erótica aceites e rejeitadas. Por outro lado, o facto de a sociedade ateniense clássica aparentemente aceitar o acto sexual entre um indivíduo mais velho (*erastes*) e outro mais jovem (*eromenos*), mas alegadamente repudiar relações por nós entendidas como homossexuais entre indivíduos em idade mais avançada, não nos parece fugir ao modelo Dover-Foucault. Este mesmo raciocínio é válido para a sociedade romana: o facto de os Romanos parecerem aceitar sem grandes

40. FOUCAULT, M.: *História da Sexualidade I – A vontade de saber*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994, pp. 106-117; II – *O uso dos prazeres*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994, pp. 242-275.

41. Ver, sobretudo, DAVIDSON, J.: «Dover, Foucault and Greek Homosexuality: Penetration and the Truth of Sex», *Past and Present*, 17 (2001), pp. 3-51; e NALL, G.: *Forms of Classical Athenian Homosexuality in Transhistorical, Cross-Cultural, Biosocial and Demographic Perspective: a Response to Dover, Foucault and Halperin*, New York, State University of New York at Albany, 2001.

42. DAVIDSON, J.: «Dover, Foucault and Greek Homosexuality: Penetration and the Truth of Sex», *Past and Present*, 17 (2001), p. 46.

reservas o acto sexual entre um homem, cidadão, livre e um rapaz seu escravo, está também enquadrado pelo mesmo modelo interpretativo⁴³, pois estamos a falar de uma sociedade patriarcal em que a figura do homem livre e adulto, e por isso figura de poder, é central e eixo em torno do qual tudo se organiza⁴⁴. Também se compreende assim que, para os Romanos, esse mesmo homem adulto e livre que assumisse um papel sexual passivo fosse considerado *impudicus* (cf. Sen., *Controv.*, 4.10: «impudicitia in ingenuo crimen est, in seruo necessitas, in liberto officium»)⁴⁵.

Por conseguinte, para a moral predominante de Gregos e Romanos da Antiguidade (durante os respectivos períodos clássicos), a preferência/orientação sexual seria, até certo ponto note-se, irrelevante, um não-assunto, visto que não determinava a personalidade do indivíduo⁴⁶. Como afirma M. Skinner, «In the ancient penetration model, sexuality is grounded not on preference for one sex as object but on the notional genders of active and passive, which do not quite correspond to our biologically based genders: 'active/passive' was not the equivalent of 'male/female'»⁴⁷.

Assim, de um modo geral e segundo o esquema sistematizado por K. Dover e M. Foucault, para a Atenas clássica e, por extensão, para a Roma Antiga, o papel de domínio identificava-se com o cidadão, homem adulto e livre que exercia a sua liberdade cívica, enquanto o de subordinado se associava a outros estatutos: mulheres, escravos, estrangeiros, (também jovens, no caso grego)⁴⁸. O cidadão

43. Com efeito, há que assinalar aqui uma diferença substancial entre Gregos e Romanos. Enquanto a pederastia instituída entre os Atenienses e em algumas outras regiões da Grécia se baseava em relações homossexuais entre indivíduos livres, desde que numa proporção estabelecida entre o *erastes* e o *eromenos*, o mesmo não se passava em Roma, onde as relações homossexuais são aceites entre homens livres e servos ou indivíduos de estatuto jurídico considerado inferior, mas não se envolvem rapazes livres de nascimento ou *ingenui*. Também por essa razão, os rapazes romanos de estatuto livre, e até atingirem a idade viril, usavam ao pescoço a *bullae*, que, além de amuleto e de marca distintiva do cidadão nascido livre, tinha também outra funcionalidade: advertir os homens que deles se aproximassem de que se tratava de um jovem livre e romano (*puer bullatus*) e, por conseguinte, não «usável» em termos sexuais. Sobre estas questões, vide Plut. *Quaest. romanae* 101; RICHLIN, A.: «Not before Homosexuality: The Materiality of the Cinaedus and the Roman Law against Love between Men», *Journal of the History of Sexuality*, 3/4 (1993), pp. 523-573; WILLIAMS, C. A.: «Greek Love at Rome», *The Classical Quarterly*, 45/2 (1995), pp. 517-539; WILLIAMS, C. A.: *Roman Homosexuality*, Oxford, Oxford University Press, 2010; MACMULLEN, R.: «Roman Attitudes to Greek Love», *Historia*, 31/4 (1982), pp. 484-502; TAYLOR, R.: «Two Pathic Subcultures in Ancient Rome», *Journal of the History of Sexuality*, 7/3 (1997), pp. 319-371.

44. Vide ainda KARRAS, R. M.: «Active/Passive, Acts/Passions: Greek and Roman Sexualities», *American Historical Review*, 105 (2000), pp. 1250-1265; SKINNER, M.: «Alexander and Ancient Greek Society», in CARTLEDGE, P. & GREENLAND, F. R. (eds.), *Responses to Oliver Stone's Alexander. Film, History, and Cultural Studies*, London, The University of Wisconsin Press, 2010, pp. 120-121; e ainda DOVER, K.: *Greek Homosexuality*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1989; FOUCAULT, M.: *História da Sexualidade II – O uso dos prazeres*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994, pp. 113-114; SKINNER, M.: *Sexuality in Greek and Roman Culture*, Oxford, Blackwell Publishing, 2005, pp. 8-10; HUBBARD, T. K.: «Peer Homosexuality», in HUBBARD, T. K.: *A Companion to Greek and Roman Sexualities*, Oxford, Wiley Blackwell, 2014, p. 130.

45. Naturalmente, estamos conscientes das diferenças reconhecidas entre as sociedades grega e romana, no que a esta problemática diz respeito. A bibliografia sobre ela é já considerável. Citamos a título meramente introdutório os estudos de WILLIAMS, C. A.: *Roman Homosexuality*, Oxford, Oxford University Press, 2010, e de DAVIDSON, J.: *The Greeks and Greek Love: A Radical Reappraisal of Homosexuality in Ancient Greece*, London, W & N, 2008.

46. Temos também consciência dos perigos da generalização desta reflexão. Basta levarmos em conta o debate filosófico sobre o Amor no *Symposion* de Platão, por exemplo, ou o sofisticado no *Erotikos* de Plutarco, ou ainda no conhecido *agon* em torno do amor entendido por nós como heterossexual e o homossexual, presente no romance de Aquiles Tácio, *Leucipe e Clitofonte* (2.35-38).

47. SKINNER, M.: «Alexander and Ancient Greek Society», in CARTLEDGE, P. & GREENLAND, F. R. (eds.): *Responses to Oliver Stone's Alexander. Film, History, and Cultural Studies*, London, The University of Wisconsin Press, 2010, p. 121.

48. Sobre as características destas categorias, ver SKINNER, M.: «Alexander and Ancient Greek Society», in CARTLEDGE, P. & GREENLAND, F. R. eds.: *Responses to Oliver Stone's Alexander. Film, History, and Cultural Studies*,

ateniense como o romano constituía uma elite sócio-política, fundamentalmente definida pelo seu estatuto jurídico, independentemente do rendimento económico que auferissem, e o seu corpo deveria ser inviolável, pelo que, atentar contra ele poderia ser crime, eventualmente punido com a morte⁴⁹. Como nota Skinner, em âmbito grego, manter relações sexuais com um jovem rapaz «was considered a matter of taste», afirmação que nos parece fundamental para a compreensão dessa sociedade⁵⁰. A ela, podemos acrescentar uma referência de Plotino, recordada por Veyne, a propósito da prática da homossexualidade em Roma. Segundo esse neoplatónico, os verdadeiros sábios são os que «desprezam tanto a beleza dos rapazes como a das raparigas», o que indica que o gosto por uns ou por outras seria admissível, dependendo das circunstâncias⁵¹. Com efeito, em Roma, a fruição desse gosto tinha limites, sendo o estatuto de cidadão livre uma das suas marcas definidoras. Como nota ainda Veyne, «il n'est pas exact que les païens aient vu l'homosexualité d'un oeil indulgent»⁵². Tudo dependia do contexto e da circunstância em que ela se manifestava (cf. e.g. Artem., *Oneir.*, 1.78). Segundo Plínio-o-Moço, Cícero, por exemplo, deleitava-se com os beijos do seu escravo-secretário (Plin., 7.4.3-6).

Por conseguinte, tanto na Grécia como em Roma, esta questão não deixou de cair na alçada do controlo social. Segundo os oradores áticos, em Atenas, manter relações sexuais de modo ilegítimo e abusivo seria punido com a chamada lei da *hybris*, entendendo-se aqui *hybris* por «excesso» ou «abuso», o que podia envolver a «violação sexual», incluindo a de natureza pederástica. Com efeito, aparentemente, esta lei protegia homens, mulheres, crianças, indivíduos de estatuto livre ou servil⁵³. Em Roma, essa função era desempenhada pela *Lex Scantinia*.

A *lex Scantinia* foi promulgada em 149 a.C., sendo seu objectivo penalizar o *stuprum cum masculo (puero)*⁵⁴. Inicialmente, a pena aplicada era a capital. No

London, The University of Wisconsin Press, 2010, 121-122, onde se lê: «sexual passivity might therefore be notionally aligned with cognitive disability as well as diminished status», enquanto LEAR, A.: «Ancient Pederasty. An Introduction», in HUBBARD, T. K.: *A Companion to Greek and Roman Sexualities*, Oxford, Wiley Blackwell, 2014, p. 115, afirma que «the penetrated partner was considered effeminate».

49. SKINNER, M.: «Alexander and Ancient Greek Society», in CARTLEDGE, P. & GREENLAND, F. R. eds.: *Responses to Oliver Stone's Alexander. Film, History, and Cultural Studies*, London, The University of Wisconsin Press, 2010, p. 121; HALPERIN, D.: *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love*, New York, Routledge, 1990, p. 96; MCGINN, T. A.: «Prostitution. Controversies and New Approaches», in HUBBARD, T. K.: *A Companion to Greek and Roman Sexualities*, Oxford, Wiley Blackwell, 2014, p. 87.

50. De onde se conclui que não se tratava também de uma sexualidade exclusiva; ver SKINNER, M.: «Alexander and Ancient Greek Society», in CARTLEDGE, P. & GREENLAND, F. R. eds.: *Responses to Oliver Stone's Alexander. Film, History, and Cultural Studies*, London, The University of Wisconsin Press, 2010, pp. 122, 126; cf. DAVIDSON, J.: «Dover, Foucault and Greek Homosexuality: Penetration and the Truth of Sex», *Past and Present*, 17 (2001), pp. 3-51.

51. VEYNE, P.: «L'homosexualité à Rome», *Communications*, 35 (1982), p. 26; cf. Plot., *En.*, 2.9.17.

52. VEYNE, P.: «L'homosexualité à Rome», *Communications*, 35 (1982), p. 26. Como nota o mesmo investigador, «il était monstrueux, de la part d'un citoyen, d'avoir des complaisances servilement passives». Vide ainda GONFROY, F.: *Un fait de civilisation méconnu: l'homosexualité masculine à Rome*, Poitiers, Univ. Poitiers, 1972.

53. Sobre a lei da *hybris* e suas problemáticas, vide [D.], *In Meidiam* 45-48; MACDOWELL, D.: «'Hybris' in Athens», *Greece & Rome*, 23/1 (1976), pp. 14-31; WEES, H. van: «The 'Law of Hybris' and Solon's Reform of Justice», in LAMBERT, S. D. ed., *Sociable Man: Essays on Ancient Greek Social Behaviour in Honour of Nick Fisher*, Swansea, Classical Press of Wales, 2011, pp. 117-144. Na verdade, não há evidência de alguma vez algum crime de *hybris* ter de facto sido julgado em Atenas.

54. BERGER, A.: «Encyclopedic Dictionary of Roman Law», *Transactions of the American Philosophical Society*, 43/2 (1953), pp. 559, 719; WILLIAMS, C. A., «Greek Love at Rome», *The Classical Quarterly*, 45/2 (1995), pp. 517-539; TAYLOR, R.: «Two Pathic Subcultures in Ancient Rome», *Journal of the History of Sexuality*, 7/3 (1997), pp. 319-371.

entanto, com o tempo, passou a ser uma pena pecuniária no valor de dez mil sestércios (Quint., *Inst.*, 4.2.69; 7.4.42). No Baixo Império, o *stuprum cum masculo* voltou a ser punido com a pena de morte⁵⁵. A *lex Scantinia* constituía assim uma forma de garantir que jovens romanos de nascimento livre não seriam sexualmente usados por outros homens, protegendo esse grupo. A lei não tinha como objectivo punir a homofilia ou as relações homoeróticas em si mesmas, mas sim proteger os *ingenui* dos assédios de outros homens que os pretendessem usar de modo passivo no acto sexual⁵⁶.

Assim sendo, será incontornável levar este contexto em conta para uma análise do referido passo de Tácito. Uma das questões que de imediato se coloca é a da factualidade do que se narra no passo em questão. Tendo em conta a nossa fonte, é legítimo questionarmo-nos se o que o historiador conta é um facto histórico, se «apenas» um facto literário, i.e., a reprodução de um tópico da literatura que tem como função sobretudo contribuir para a construção de um retrato historiográfico ao serviço de uma ideologia política⁵⁷. Em sustentação desta problemática, recordamos que o passo sob análise encontra eco num outro relatado por Suetónio, a propósito do mesmo imperador. Segundo o biógrafo imperial, entre as vítimas de Nero, estaria o jovem Aulo Plúcio, alegado amante de Agripina Menor, e que Nero teria molestado (o verbo latino usado é *conspurco*, com evidentes conotações sexuais), de modo a humilhá-lo e a rebaixá-lo, como se de um ritual relativamente a um inimigo derrotado se tratasse, antes de o matar, também por questões de concorrência política (Suet., *Nero*, 35.4)⁵⁸. O carácter tópico não está de facto fora de questão. Aliás, há que referir que também o relato do envenenamento de Britânico parece ser construído com recurso à descrição que o mesmo historiador faz do envenenamento de Cláudio, o pai de Britânico, capítulos antes (12.67)⁵⁹; e o próprio afastamento político de Britânico parece ser uma repetição da eliminação de Tibério Gemelo no principado de Gaio Calígula, em 37 ou 38 d.C. (D.C., 59.8; Philon, *In Flacc.*, 3.11)⁶⁰. Acresce, na sequência de reflexões anteriores, que ao tornar-se fraticida, Nero se

55. Sobre a *lex Scantinia* e suas implicações, vide ainda Cic., *Fam.*, 8.14.4, 12.3; Mart., 6.2; 9.11-13, 16, 36; Suet., *Dom.*, 8.3; Juv., 2.44; Auson., *Epig.*, 92; Prud., *Perist.*, 10.204; Tert., *De Monog.*, 12; PFAFF, I.: «Stuprum», *RE* 4.A1 (1931), 423-424; RYAN, F. X.: «The Lex Scantinia and the Prosecution of Censors and Aediles», *Classical Philology*, 89/2 (1994), pp. 159-162.

56. VEYNE, P.: «L'homosexualité à Rome», *Communications*, 35 (1982), p. 28.

57. RODRIGUES, N. S.: «História, Filologia e Problemáticas da Antiguidade Clássica», in REIS, M. F. (coord.): *Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, Lisboa, Edições Colibri, 2007, pp. 643-659.

58. O passo sugere que Aulo Plúcio fora amante de Agripina Menor, pelo que estaria envolvida uma questão de vingança pessoal também. Vide CIZEK, E.: *Néron*, Paris, Fayard, 1997, p. 41; DRINKWATER, J. F.: *Nero. Emperor and Court*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019, p. 310; CHAMPLIN, E.: *Nero*, Cambridge, Mass./London, The Belknap Press of Harvard University Press, 2003, pp. 164-165.

59. Alguns autores põem em dúvida a participação de Nero, e até a de Agripina, na morte de Britânico, e na de Cláudio (o que referimos, n. 21). Vide e.g. FINI, M.: *Nerone. Duemila anni di calunie*, Milano, Mondadori, 1993, pp. 125-129. Por outro lado, como nota GIROD, V.: *Agrippine. Sexe, crimes et pouvoir dans la Rome Impériale*, Paris, Tallandier, 2015, p. 172, Nero eliminou tanta gente que se torna difícil não imputar-lhe a morte de Britânico.

60. BARRETT, A. A.; FANTHAM, E.; YARDLEY, J. C. (eds.): *The Emperor Nero. A Guide to the Ancient Sources*, Princeton/Oxford, Princeton University Press, 2016, p. 44; DRINKWATER, J. F.: *Nero. Emperor and Court*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019, p. 175.

equiparava a figuras pérfidas do *corpus* mitológico, como e.g. Polinices. Este dado não pode ser ignorado no processo da construção do «mito de Nero»⁶¹.

Independentemente de ser facto histórico ou literário, porém, há uma mensagem na narrativa que não podemos ignorar: ao molestar e violar Britânico, Nero faz sobretudo um exercício de demonstração de poder sobre o «irmão»/cunhado, que se compreende melhor se levarmos em conta o processo de que Tácito nos vai dando conta ao longo dos *Annales*, relativamente à relação de ambos os príncipes. Tal como demonstrou Foucault, a sexualidade pode também ser uma forma de exercício do poder, em que o indivíduo que assume o papel activo subjuga aquele que desempenha o papel passivo. Ao violar Britânico, Nero rebaixa e avilta o «irmão» e exhibe a superioridade que faz questão de mostrar ter sobre o rapaz.

Apesar das dúvidas que levantámos e que dão corpo à possibilidade de a narrativa de *Annales* 13.17 ser meramente literária, há sempre que levar em conta a viabilidade de a violação de Britânico ter de facto ocorrido antes do envenenamento do jovem. Tudo tal como Tácito narra. Jovem que era, prestes a completar os seus 14 anos, o mais provável é que Britânico ainda não tivesse iniciado a sua vida sexual. Roma conhecia uma norma segundo a qual a virgindade seria uma condição suficiente para evitar que alguém fosse executado. Esta questão transparece a propósito da execução de Élia Junila, filha de Élio Sejano, após a descoberta da conspiração do *eques*, em 31 d.C. Díon Cássio conta que, depois da queda de Sejano, a família do conspirador foi também perseguida e executada, nomeadamente, os dois filhos e a filha, Junila. Segundo este historiador, a rapariga, que teria sido prometida precisamente ao filho de Cláudio (provavelmente Cláudio Druso, como assinalámos) por Tibério, antes de executada teria sido violada pelo carrasco, pois teria sido ilegítimo executar uma virgem (D. C., 58.11.5; cf. Tac., *Ann.*, 5.9)⁶². Não nos parece inverosímil que este mesmo princípio tivesse motivado a acção de Nero relativamente a Britânico, num acto de quase ironia.

Impõe-se ainda uma terceira reflexão sobre o passo em análise. Ao narrar o episódio, Tácito contribui com mais um factor para a construção do retrato negativo de Nero, o *malus princeps*. Ao violar Britânico, Nero coloca-se, ou é colocado pelo historiador, sob a mira da *lex Scantinia*, que protegia os rapazes de livre nascimento de *stuprum*. Nero seria assim um transgressor evidente para a organização da Urbe.

61. Sem prejuízo para toda a tradição mitológica em torno dos Labdácidas, não parece ser inusitado que o tema da guerra fratricida presente nas *Phoenissae* de Séneca ecoe a questão entre Nero e Britânico. Note-se que as *Phoenissae* têm sido datadas de depois de 60 d.C., posteriores, portanto, à morte de Britânico, FERREIRA, P. S.: *Séneca em cena. Enquadramento na tradição dramática greco-latina*, Lisboa, FCG/FCT, 2011, p. 54. A problemática da construção do «mito de Nero» foi recentemente estudada com profundidade por LEFEBVRE, L.: *Le mythe Néron. La fabrique d'un monstre dans la littérature antique (Ier-Ve s.)*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, 2017, em pp. 221-227.

62. Vide SHELDON, R. M.: *Kill Caesar!: Assassination in the Early Roman Empire*, London, Rowman & Littlefield, 2018, p. 72; DELINE, T. L.: *Women in Criminal Trials in the Julio-Claudian Era*, Vancouver, The University of British Columbia, 2009, p. 98; NAGEL, B. N.: «The Tyrant as Artist: Legal Fiction and Sexual Violence under Tiberius», *Law and Literature*, 25/2 (2013), pp. 286-310.

Acresce que a violência é exercida sobre um *frater*, o que configura uma situação de incesto⁶³.

Deste modo, Nero surge à audiência de Tácito como um homem de 19 anos, incestuoso e transgressor da lei de Roma, sendo passível de ser acusado e moralmente condenado pelo seu acto monstruoso. Trata-se de mais um elemento para o retrato negativo de Nero em Tácito, portanto.

3. EM CONCLUSÃO

O carácter dramático da biografia de Britânico, tal como Tácito a compõe, confirma-se pelo facto de, no século XVII, o dramaturgo francês Jean-Baptiste Racine a ter aproveitado para, precisamente, esse efeito. A tragédia *Britannicus* estreou em 1669 e é uma das peças com que o poeta do tempo de Luís XIV aborda a problemática do poder. Com efeito, a essência do *Britannicus* de Racine está já nos *Annales* de Tácito⁶⁴. O historiador latino, por sua vez, é herdeiro de uma tradição helenística, muito bem representada pela Segunda Sofística⁶⁵, na qual a chamada «historiografia patética» germinou e se desenvolveu. Parte da essência desse tipo de historiografia assenta na preocupação em compor uma narrativa rica em pormenores patéticos que contribuem para a composição de caracteres e de situações alegadamente históricas, e em que as emoções tomam conta das circunstâncias. Os *Annales* de Tácito são particularmente ricos nesta característica. Situações e vicissitudes dos percursos das personagens são por vezes aproveitados para compor sequências e cenas que evocam quadros trágicos, por exemplo⁶⁶.

O caso de Britânico enquadra-se nessa filosofia. Parece-nos mesmo que há a intencionalidade de transformar o príncipe numa personagem de tragédia, através do modo como o historiador compõe a sua figura nos *Annales*. A existência de cinco marcos ou etapas na composição do carácter do jovem, por exemplo, corresponde a

63. Oros., 7.7.2 refere que Nero manteve também relações incestuosas com uma irmã. Em latim clássico, *incestum* significava «impuro» ou «não casto», sinónimo de *nefas*, não tendo ainda o sentido contemporâneo. A violação de uma vestal, por exemplo, era considerada *incestum*. Ainda assim, as relações sexuais entre familiares próximos eram moralmente condenadas entre os Romanos. A insinuação do incesto para Nero far-se-á também relativamente à mãe, Agripina Menor, com a intenção de denegrir a imagem do Príncipe. Vide MOREAU, P.; *Incestus et prohibita nuptiae. Conception romaine de l'inceste et histoire des prohibitions matrimoniales pour cause de parenté dans la Rome antique*, Paris, Les Belles Lettres, 2002; MORDINE, M. J.: «The Imperial Household in the Age of Nero», in BUCKLEY, E. & DINTER, M. T. (eds.), *A Companion to the Neronian Age*, Oxford, WileyBlackwell, 2013, p. 109; LEFEBVRE, L.: *Le mythe Néron. La fabrique d'un monstre dans la littérature antique (Ier-Ve s.)*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, 2017, pp. 177.

64. SCHRÖDER, V.: *La tragédie du sang d'Auguste. Politique et intertextualité dans Britannicus*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 2004, p. 78. De certo modo, a *Octavia* do pseudo-Sêneca resulta de um aproveitamento semelhante, ainda que a sua base de redacção possa não estar nos *Annales* de Tácito.

65. Vide e.g. SCHULZ, V.: *Deconstructing Imperial Representations: Tacitus, Cassius Dio, and Suetonius on Nero and Domitian*, Leiden/Boston, Brill, 2019, pp. 178-180.

66. Vide e.g. os estudos de PIMENTEL, M. C. C. M.: «*Virtus ipsa*. O retrato literário nos *Annales* de Tácito», in PÉREZ JIMÉNEZ, A. et al., *O retrato e a biografia como estratégia de teorização política*, Coimbra/Málaga, Imprensa da Universidade de Coimbra/Universidad de Málaga, 2004, pp. 65-82; e «Tácito: a *virtus* estoíca no feminino», *Euphrosyne*, 34 (2006), pp. 124-125, em que a autora analisa a composição de figuras como Bárea Sorano, Trásea Peto e Servília em Tácito, salientando os aspectos trágicos dos episódios.

cinco cenas ou episódios que funcionam como cinco actos de uma tragédia, a qual parece ir ao encontro do que Horácio teoriza na *Ars Poetica*. Com efeito, o poeta considera que uma fábula (i.e. uma peça trágica) não deveria ter menos do que cinco actos (Hor., *Ars*, 189-190, «Neue minor neu sit quinto productior actu fabula»). Neste sentido, parece-nos que a *Vita Britannici* segundo Tácito é uma tragédia de estrutura horaciana.

Por fim, há que destacar os objectivos da tragédia de Britânico, tal como ela é composta pelo historiador dos *Annales* e, em particular, a alusão meta-dramática – fora da economia da tragédia de estrutura horaciana, queremos dizer, mas não deixando de contribuir para definição das personagens envolvidas – ao estupro do jovem. Independentemente da validade histórica da informação, interessa salientar a sua verosimilhança e validade ideológica, tal como é inserida no texto historiográfico⁶⁷. Apesar de se centrar em Britânico, o propósito principal da narrativa parece ser compor a figura de Nero e, ao fazer deste o violador de um jovem *ingenuus*, príncipe da casa imperial, o historiador contribui para a composição do retrato negativo e de perfídia do último dos Júlio-Cláudios. Como violador, Nero não só humilha o seu adversário, como o rebaixa e submete, ao mesmo tempo que o transforma em vítima, ou mesmo mártir, para os defensores de um principado justo e equilibrado, que deveria coexistir em harmonia com o poder senatorial⁶⁸. Essa é, no fundo, a agenda essencial de Tácito⁶⁹.

67. Note-se que alguns autores não desconsideram a hipótese de a morte de Britânico, tal como a de Cláudio, não ter sido homicídio, mas sim provocada por causas naturais. Cf. e.g. DRINKWATER, J. F.: *Nero. Emperor and Court*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019, p. 194.

68. Britânico acabará por integrar a galeria de vítimas de Nero na lenda negra do imperador, MALIK, S.: *The Nero Anti-Christ. Founding and Fashioning a Paradigm*, Cambridge, Cambridge University Press, 2020, pp. 160-161, 164, 186, 193.

69. Sobre esta questão, vide PIMENTEL, M. C. C. M. S.: «*Virtus ipsa*. O retrato literário nos *Annales* de Tácito», in PÉREZ JIMÉNEZ, A. et al., *O retrato e a biografia como estratégia de teorização política*, Coimbra/Málaga, Imprensa da Universidade de Coimbra/Universidad de Málaga, 2004, pp. 65-66.

BIBLIOGRAFIA

- BARRET, A. A.: *Agrippina, Sister of Caligula, Wife of Claudius. Mother of Nero*, London, Batsford, 1996.
- BARRET, A. A.; FANTHAN, E.; YARDLEY, J. C. (eds.): *The Emperor Nero. A Guide to the Ancient Sources*, Princeton/Oxford, Princeton University Press, 2016.
- BERGER, A.: «Encyclopedic Dictionary of Roman Law», *Transactions of the American Philosophical Society*, 43/2 (1953), pp. 333-809.
- BRANDÃO, J. L. L.: *Máscaras dos Césares. Teatro e moralidade nas Vidas suetonianas*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- BRAUND, D.: «Apollo in Arms: Nero at the Frontier», in BUCKLEY, E. & DINTER, M. T. (eds.): *A Companion to the Neronian Age*, Oxford, Wiley-Blackwell, 2013, pp. 83-101.
- BRYAN, J.: «Neronian Philosophy», in BUCKLEY, E. & DINTER, M. T. (eds.), *A Companion to the Neronian Age*, Oxford, Wiley-Blackwell, 2013, pp. 134-148.
- CASEY, E.: «Binding Speeches: Giving Voice to deadly thoughts in Greek Epitaphs», in SLUITER, I.; ROSEN, R. M. (eds.): *Free Speech in Classical Antiquity*, Leiden/Boston, Brill, 2004, pp. 74-76.
- CASTORIO, J. N.: *Messaline. La putain impériale*, Paris, Payot, 2015.
- CHAMPLIN, E.: *Nero*, Cambridge, Mass./London, The Belknap Press of Harvard University Press, 2003.
- CHARLES, M. B.: «Suet. 'Ner. 7.1: Britannicum subditivum'», *Mnemosyne*, 68/2 (2015), pp. 290-296.
- CIZEK, E.: *L'Époque de Néron et ses controverses idéologiques*, Leiden, Brill, 1972.
- CIZEK, E.: *Néron*, Paris, Fayard, 1997.
- COWAN, R.: «Starring Nero as Nero: Poetry, RolePlaying and Identity in Juvenal 8.215-221», *Mnemosyne*, 62/1 (2009), pp. 76-89.
- DALLA, D.: *Vbi Venus mutator: Omossessualità e diritto nel mondo romano*, Milano, Giuffrè, 1987.
- DAVIDSON, J.: «Dover, Foucault and Greek Homosexuality: Penetration and the Truth of Sex», *Past and Present*, 17 (2001), pp. 3-51.
- DAVIDSON, J.: *The Greeks and Greek Love: A Radical Reappraisal of Homosexuality in Ancient Greece*, London, W & N, 2008.
- DELIN, T. L.: *Women in Criminal Trials in the Julio-Claudian Era*, Vancouver, The University of British Columbia, 2009.
- DOVER, K.: *Greek Homosexuality*, Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1989.
- DRINKWATER, J. F.: *Nero. Emperor and Court*, Cambridge, Cambridge University Press, 2019.
- DUBUISSON, M.: «La mort de Britannicus: lecture critique de Tacite», *L'Antiquité Classique*, 68 (1999), pp. 253-261.
- FANTHAM, E.: «Stuprum: Public Attitudes and Penalties for Sexual Offences in Republican Rome», *Echos du Monde Classique/Classical Views*, 35 (1991), pp. 267-291.
- FERREIRA, P. S.: *Séneca em cena. Enquadramento na tradição dramática greco-latina*, Lisboa, FCG/FCT, 2011.
- FINI, M.: *Nerone. Duemila anni di calunie*, Milano, Mondadori, 1993.
- FISHWICK, D.: «The Deification of Claudius», *Classical Quarterly*, 52/1 (2002), pp. 341-349.
- FOUCAULT, M.: *História da Sexualidade. I – A vontade de saber, II – O uso dos prazeres, III – O cuidado de si, IV – As confissões da carne*, Lisboa, Relógio D'Água, 1994, 2019.
- GIROD, V.: *Agrippine. Sexe, crimes et pouvoir dans la Rome Impériale*, Paris, Tallandier, 2015.

- GONFROY, F.: *Un fait de civilisation méconnu: l'homosexualité masculine à Rome*, Poitiers, Univ. Poitiers, 1972.
- GRIFFIN, M. T.: *Nero. The End of a Dynasty*, London, Routledge, 2000.
- GRIFFIN, M. T.: *Seneca, a Philosopher in Politics*, Oxford, Clarendon Press, 1976.
- HALPERIN, D.: *One Hundred Years of Homosexuality and Other Essays on Greek Love*, New York, Routledge, 1990.
- HUBBARD, T. H.: «Peer Homosexuality», in HUBBARD, T. H. (ed.): *A Companion to Greek and Roman Sexualities*, Oxford, Wiley Blackwell, 2014, pp. 128-149.
- HURLEY, D. W.: «Biographies of Nero», in BUCKLEY, E. & DINTER, M. T. (eds.), *A Companion to the Neronian Age*, Oxford, Wiley-Blackwell, 2013, pp. 29-44.
- KARRAS, R. M.: «Active/Passive, Acts/Passions: Greek and Roman Sexualities», *American Historical Review*, 105 (2000), pp. 1250-1265.
- LEAR, A.: «Ancient Pederasty. An Introduction», in HUBBARD, T. H. (ed.): *A Companion to Greek and Roman Sexualities*, Oxford, Wiley Blackwell, 2014, pp. 102-127.
- LEFÈVRE, L.: *Le mythe Néron. La fabrique d'un monstre dans la littérature antique (I^{er}-V^e s.)*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion, 2017.
- MACDOWELL, D.: «'Hybris' in Athens», *Greece & Rome*, 23/1 (1976), pp. 14-31.
- MACMULLEN, R.: «Roman Attitudes to Greek Love», *Historia*, 31/4 (1982), pp. 484-502.
- MALIK, S.: *The Nero Anti-Christ. Founding and Fashioning a Paradigm*, Cambridge, Cambridge University Press, 2020.
- MAGGINN, T. A.: «Prostitution. Controversies and New Approaches», in HUBBARD, T. H. (ed.): *A Companion to Greek and Roman Sexualities*, Oxford, Wiley Blackwell, 2014, pp. 83-101.
- MELMOUX, J.: «La lutte pour le pouvoir en 51 et les difficultés imprévues d'Agrippine: Remarques sur Tacite. Annales XII, 41, 5 et XII, 42, 1-5», *Latomus*, 42/2 (1983), pp. 350-361.
- MORDINE, M. J.: «The Imperial Household in the Age of Nero», in BUCKLEY, E. & DINTER, M. T. (eds.): *A Companion to the Neronian Age*, Oxford, WileyBlackwell, 2013, pp. 102-117.
- MOREAU, P.: *Incestus et prohibita nuptiae. Conception romaine de l'inceste et histoire des prohibitions matrimoniales pour cause de parenté dans la Rome antique*, Paris, Les Belles Lettres, 2002.
- NAGEL, B. N.: «The Tyrant as Artist: Legal Fiction and Sexual Violence under Tiberius», *Law and Literature*, 25/2 (2013), pp. 286-310.
- NALL, G.: *Forms of Classical Athenian Homosexuality in Transhistorical, Cross-Cultural, Biosocial and Demographic Perspective: A Response to Dover, Foucault and Halperin*. New York: State University of New York at Albany, 2001.
- PIMENTEL, M. C. C. M. S.: «Tácito: a uirtus estoica no feminino», *Euphrosyne*, 34 (2006), pp. 121-134.
- PIMENTEL, M. C. C. M. S.: «Virtus ipsa. O retrato literário nos Annales de Tácito», in PÉREZ JIMÉNEZ, A. et al.: *O retrato e a biografia como estratégia de teorização política*, Coimbra/Málaga, Imprensa da Universidade de Coimbra / Universidad de Málaga, 2004, pp. 65-82.
- PIMENTEL, M. C. S.: «Ex mensa exitium: morte e ignomínia nos alimentos ou na privação deles», in PINHEIRO, J. & SOARES, C. (coords.), *Patrimónios alimentares de Aquém e Além-mar*, Coimbra/São Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume, 2016, pp. 543-555.
- RICHLIN, A.: «Not before Homosexuality: The Materiality of the Cinaedus and the Roman Law against Love between Men», *Journal of the History of Sexuality*, 3/4 (1993), pp. 523-573.
- RODRIGUES, N. S.: «História, Filologia e Problemáticas da Antiguidade Clássica», in REIS, M. F. (coord.), *Rumos e Escrita da História. Estudos em Homenagem a A. A. Marques de Almeida*, Lisboa, Edições Colibri, 2007, pp. 643-659.

- RODRIGUES, N. S.: «Tornar-se adulto na Antiguidade Clássica», in FONSECA, A. C. (ed.): *Jovens Adultos*, Coimbra, Almedina, 2014, pp. 87-130.
- RYAN, F. X.: «The Lex Scantinia and the Prosecution of Censors and Aediles», *Classical Philology*, 89/2 (1994), pp. 159-162.
- SCHMITZER, U.: «Der Tod auf offener Szene. Tacitus über Nero und die Ermordung des Britannicus», *Hermes*, 133/3 (2005), pp. 337-357.
- SCHRÖDER, V.: *La tragédie du sang d'Auguste. Politique et intertextualité dans Britannicus*, Tübingen, Gunter Narr Verlag, 2004.
- SCHULZ, V.: *Deconstructing Imperial Representations: Tacitus, Cassius Dio, and Suetonius on Nero and Domitian*, Leiden/Boston, Brill, 2019.
- SEGURADO e CAMPOS, J. A.: *A tragédia Octavia. A obra e a época*, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1972.
- SHELDON, R. M.: *Kill Caesar!: Assassination in the Early Roman Empire*, London, Rowman & Littlefield, 2018.
- SKINNER, M.: «Alexander and Ancient Greek Society», in CARTLEDGE, P. & GREENLAND, F. R. (eds.): *Responses to Oliver Stone's Alexander. Film, History, and Cultural Studies*, London, The University of Wisconsin Press, 2010, pp. 119-134.
- SKINNER, M.: *Sexuality in Greek and Roman Culture*, Oxford, Blackwell Publishing, 2005.
- TAYLOR, R.: «Two Pathic Subcultures in Ancient Rome», *Journal of the History of Sexuality*, 7/3 (1997), pp. 319-371.
- VAGI, D. L.: «Tiberius Claudius Drusus († AD 20). Son of Claudius and Urgulanilla», *American Numismatic Society*, 22 (2010), pp. 81-92.
- VAGI, D.: *Coinage and History of the Roman Empire (c. 82 b.C.-A.D. 480)*, vol. I: *History*, London, Routledge, 1999.
- VEYNE, P.: «L'homosexualité à Rome», *Communications*, 35 (1982), pp. 26-33.
- WEES, H. van.: «The 'Law of Hybris' and Solon's Reform of Justice», in LAMBERT, S. D. (ed.), *Sociable Man: Essays on Ancient Greek Social Behaviour in Honour of Nick Fisher*, Swansea, Classical Press of Wales, 2011, pp. 117-144.
- WILLIAMS, C. A.: «Greek Love at Rome», *The Classical Quarterly*, 45/2 (1995), pp. 517-539.
- WILLIAMS, C. A.: *Roman Homosexuality*, Oxford, Oxford University Press, 2010.
- WILLIAMS, G.: «Nero, Seneca and Stoicism in the Octavia», in ELSNER, J. & MASTERS, J. (eds.): *Reflections of Nero. Culture, History & Representation*, London, Duckworth, 1994, pp. 178-195.
- WILLIAMS, K. F.: «Tacitus' Germanicus and the Principate», *Latomus*, 68/1 (2009), pp. 117-130.

33

ESPACIO, TIEMPO Y FORMA

UNED

SERIE II HISTORIA ANTIGUA
REVISTA DE LA FACULTAD DE GEOGRAFÍA E HISTORIA

Artículos · Articles

13 OLGA TERMIS MORENO
Etnicidad y emulación: estudio y desarrollo de la iconografía de la divinidad greco-egipcia Serapis / Ethnicity and Emulation: Study and Development of the Iconography of the Greco-Egyptian Divinity Serapis

35 ALBERT SANCRISTÒFOL PARÉS
Andreía, gynaikeios y pólemos. Modelos femeninos de hacer la guerra en Heródoto (I): El caso de Artemisa / *Andreía, Gynaikeios and Pólemos*. Female Models of Making War in Herodotus (I): The Case of Artemisia

53 ALEJANDRO FORNELL MUÑOZ
Producción y comercio del vino en el suroeste de la Península Ibérica durante la Antigüedad / Wine Production and Trade in the Southwest of the Iberian Peninsula during Antiquity

77 MANUEL ANTONIO SEBASTIÁN EDO
La oposición senatorial en tiempos de Augusto: el caso de Antistius Labeón / The Senatorial Opposition in the Time of Augustus: The Case of Antistius Labeo

97 NUNO SIMÕES RODRIGUES
A violação de Britânico (Tac. *Ann.* 13,17) / Britannicus' Rape (Tac. *Ann.* 13,17)

123 NARCISO SANTOS YANGUAS
El Distrito de Bustantigo (Allande), ejemplo de minería romana del oro en el suroccidente de Asturias / The Bustantigo District (Allande), Example of Roman Gold Mining in the Southwest of Asturias

143 ADRIÁN CALONGE MIRANDA
El siglo II en las ciudades romanas en el Ebro Medio, el Alto Duero y áreas limítrofes. La época antonina / The 2nd Century in the Roman Cities in the Middle Ebro, the High Duero and Neighboring Areas. The Antonine Era

169 RAÚL SERRANO MADROÑAL
El uso del plomo en las sanciones jurídicas tardorromanas: procedimientos, condenas y condenados / The Use of Lead in Late Roman Legal Sanctions: Procedures, Convictions and Convicted

183 BRUNO P. CARCEDO DE ANDRÉS
Dos fragmentos de estelas romanas procedentes de Lara de los Infantes (Burgos) / Two Fragments of Roman Steles from Lara de los Infantes (Burgos)

199 JOSE D'ENCARNAÇÃO
Apostillas epigráficas / Epigraphic Apostiles

213 GIAN LUCA GREGORI
CIL, VI 21521 = 34137 (cle 1109): un sogno in forma poetica / *CIL*, VI 21521 = 34137 (CLE 1109): A Dream in Poetic Form

Reseñas · Book Review

235 MALIK, Shushma: *The Nero-Antichrist: Founding and Fashioning a Paradigm* (JUSTINO GARCÍA DEL VELLO)

239 MACHUCA PRIETO, Francisco: *Una forma fenicia de ser romano. Identidad e integración de las comunidades fenicias de la Península Ibérica bajo poder de Roma* (JUAN MIGUEL MORENO TOLEDO)

243 CASTIGLIONI, María Paola: *La donna greca* (REBECA ARRANZ SANTOS)

247 BARCA, Natale: *I Gracchi. Quando la politica finisce in tragedia* (PEDRO ÁNGEL FERNÁNDEZ VEGA)

249 TONER, Jerry: *Infamia: El crimen en la antigua Roma* (MIGUEL ÁNGEL NOVILLO LÓPEZ)

253 CHRISANTHOS, Stefan G.: *The Year of Julius and Caesar: 59 BC and the Transformation of the Roman Republic* (MIGUEL ÁNGEL NOVILLO LÓPEZ)

257 ALDHOUSE-GREEN, Miranda: *Sacred Britannia. The Gods and Rituals of Roman Britain* (SABINO PEREA YÉBENES)

263 ZEICHMANN, Christopher B. (ed.): *Essential Essays for the Study of the Military in First-Century Palestine. Soldiers and the New Testament Context* (RAÚL GONZÁLEZ SALINERO)

265 GARDNER, Iain: *The Founder of Manichaeism. Rethinking the Life of Mani* (FERNANDO BERMEJO RUBIO)

SERIE II HISTORIA ANTIGUA

REVISTA DE LA FACULTAD DE GEOGRAFÍA E HISTORIA

Reseñas · Book Review

- 271 ANNESE, Andrea: *Il Vangelo di Tommaso. Introduzione storico-critica* (FERNANDO BERMEJO RUBIO)
- 277 LÓPEZ SÁNCHEZ, Fernando: *La moneda en la Antigüedad* (FERNANDO BERMEJO RUBIO)
- 281 MAÑAS ROMERO, Irene: *Las mujeres y las relaciones de género en la antigua Roma* (JOSÉ NICOLÁS SAIZ LÓPEZ)
- 285 RUBIERA CANCELAS, Carla: *La esclavitud en la sociedad romana antigua* (JOSÉ NICOLÁS SAIZ LÓPEZ)
- 289 BARATTA, Giulia (ed.): *L'abc di un Impero: iniziare a scrivere a Roma* (JAVIER ANDREU PINTADO)
- 293 NOVILLO LÓPEZ, Miguel Ángel: *La vida cotidiana en Roma* (VÍCTOR MANUEL CABAÑERO MARTÍN)
- 297 BAILÓN GARCÍA, Marta y JORDÁN GIMENA, Ignacio: *Cursus Publicus: El primer correo en Hispania* (PILAR FERNÁNDEZ URIEL)
- 301 ANDREU, Javier; OZCÁRIZ, Pablo y MATEO, Txaro: *Epigrafía romana de Santa Criz de Eslava (Eslava, Navarra)* (MANUEL RAMÍREZ-SÁNCHEZ)
- 305 PEREA YÉBENES, Sabino: *El ejército romano en Egipto* (ANTONIO MIGUEL JIMÉNEZ SERRANO)